



DE MACEDO

O

FANTASMA BRANCO



RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

O FANTASMA BRANCO

Reservados os direitos do auctor que protesta contra a reimpressão ou representação d'esta opera em qualquer ponto do Brasil sem prévia licença sua.

O

FANTASMA BRANCO

OPERA EM TRES ACTOS

PELO

D^R JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIZ, GARNIER IRMÃOS, LIVREIROS, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

—
1863

Ficção reservados todos os direitos de propriedade.

0

FANTASMA BRANCO

OPERA EM TRES ACTOS

PERSONAGENS:

TIBERIO, velho militar.

BASILIO, velho lavrador, irmão de Tiberio.

FRANCISCO, }
ANTONIO, } filhos de Tiberio.

JOSÉ, filho de Basilio.

GALATÉA, velha, irmã de Tiberio e de Basilio.

MARIA, filha de Galatéa.

JULIA, filha de um dos feitores.

CLARA, *idem*.

FEITORES, AGREGADOS, etc.

A scena é em uma fazenda do reconcavo do Rio de Janeiro.

Época posterior a 1825.

FANTASMA BRANCO

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a casa de uma *fazenda*; do lado direito do espectador, e nos primeiros planos vê-se uma casa assobradada com janellas, patim e escada para a scena: defronte da casa de feitores, paiol, etc., immediatamente uma cerca com tranqueira no meio; nos planos ultimos, logo depois da cerca vem do lado esquerdo a estrada que se prolonga tortuosamente subindo por um monte elevado que se perde pelo lado direito; no cume desse morro, no fondo do theatro, apparece a frontaria de uma pequena casa arruinada, e de triste apparencia, bosque, etc., etc. — A acção do primeiro acto começa de tarde, e acaba em noite fechada.

SCENA PRIMEIRA

Maria apparece no patim melancolica e pensativa; a musica toca a introdução de seu canto, ella desce, e no meio da scena canta tristemente; depois fica com a cabeça baixa meditando até sair Julia.

MARIA, só.

Ah! meu amor primeiro,
Meu innocente amor!..

Não pôde a dura ausencia
 Vencer o teu ardor.
 Zela tua existencia
 A mais mimosa dôr ;
 Terna saudade minha,
 Conserva puro e fido
 O filho da innocencia,
 O meu primeiro amor.

SCENA II

MARIA e JULIA, que sahe de uma das casas dos feitores.

JULIA.

Em fim!...

MARIA.

Ah! era você D. Julia... assustou-me...

JULIA.

Sim, D. Mariquinhas, era eu que finalmente acabo de compreender tudo.

MARIA.

Tudo o que!...

JULIA.

Ora tudo o que?... então você anda sempre toda cheia de melancolias, e de que ataques de ternura, e não quer que a gente desconfie de alguma cousa? olhe : às vezes começava eu a conversar sósinha com os meus colchetes, e dizia : que terá D. Mariquinhas, que de tão alegre, e

travessa, que era em criança, agora que voltou da côrte e sahio do collegio, se mostra tão pensativa e triste?

MARIA.

É porque nem sempre somos crianças, D. Julia.

JULIA.

Nada... nada, não é por isso : depois reparo tambem que você quando vai ao jardim, despreza todas as flôres para colher sómente saudades, e amores-perfeitos ; e então perguntava eu ainda aos meus colchetes : que quer dizer aquella predilecção pelas saudades, e amores-perfeitos?

MARIA.

D. Julia, você tem ficado muito maliciosa !

JULIA.

Mas finalmente tudo está agora explicado : escutei o seu canto, D. Mariquinhas,

Ah ! meu amor primeiro,
Meu innocente amor.

Sou roceira, porém ninguem me leva por tola ; você ama ausente ; deixou lá pela côrte algum ladrãozinho de ceração ; ah ! por isso é que você colhia saudades, e amores-perfeitos, en ?...

MARIA.

Ah ! D. Julia...

JULIA.

Não abaixe os olhos assim... ora... é boa ! pois então a

gente não é snra. de seu coração?... não pôde dal-o á quem lhe parecer?... e principalmente você, que vio na côrte tantos moços que devem ser todos tão bonitos, e amar com tanta graça, e com tanta constancia?... D. Mariquinhas, eu faço idéa do como ha de ser galante um amôr da cidade.

MARIA.

Como você se engana!... D. Julia, o que ha na côrte é um luxo immenso de lisonjas e de mentiras : você vai a um baile, vinte moços lhe convidam para dançar, cada um d'elles, quando está a seu lado, lhe diz que você é bella, e que lhe ha de adorar toda a vida...

JULIA.

Que bello! como não será engraçado!

MARIA.

E depois cada um d'elles, logo que acaba de lhe dizer isso, e mais ainda, vai dançar com outra, e diz a essa a mesma cousa.

JULIA.

Que desaforo!...

MARIA.

E zomba de você, e chama-a feia... desenxabida...

JULIA.

Que pouca vergonha!...

MARIA.

Ê assim, que se faz na cidade.

JULIA.

E você teve a fraqueza de amar a um moço da côrte?

MARIA.

Não... era... é da roça.

JULIA,

Ah! isso sim... então como foi?... conte-me, D. Mariquinhas, olhe... eu sou de segredo.

MARIA.

Está bem : você é minha amiga da infancia, eu vou abrir-lhe o meu coração. Foi no principio d'este anno; veio morar defronte do nosso collegio um moço estudante de medicina : desde a primeira vez que me vio, começou a olhar muito para mim; mas era-me de todo indifferente : uma noite encontramos-nos em um baile, á que me levou a professora do collegio : então é que eu pude reparar n'elle; era um moço vivo... engraçado... e travesso, como eu o tinha sido aos sete annos da idade : parecia-me ter já visto aquelle rosto... olhei muito para elle... e... confesso que sympathisei com o meu visinho.

JULIA.

Ora... isso era muito natural.

MARIA.

Não dansamos no baile : elle me havia convidado para a quinta quadrilha; mas no fim da quarta, a professora queixou-se de dôres de cabeça, e retirámo-nos.

JULIA.

Por isso eu sou de opinião que devia haver uma lei,

para que as professoras, que levassem as meninas ao baile, não tivessem dôres de cabeça.

MARIA.

Porém, a professora, logo no começo do baile, tinha-me feito cantar um pequeno romance : e qual não foi a minha admiração, D. Julia, quando n'essa mesma noite, ao deitar-me, ouvi o meu romance repetido por uma voz doce... doce... doce, que me entrou no coração!

JULIA.

Faço idéa das doçuras... era mesmo um torrão de as-sucar.

MARIA.

O meu quarto era no segundo andar e dava para a sala; tomei o vestido... sahi de manso... abri uma janella, e vi... oh! era elle, que cantava defronte!

JULIA.

Que graça! e como não ha de a gente amar um rapaz assim?...

MARIA.

Fazia luar, e eu distinguia perfeitamente sua graciosa figura : desde então... em todas as noites de luar... á meia noite, eu ouvia sua voz terna, que no canto me chamava... corria á janella, e ficavamos sem pensar horas inteiras olhando um para o outro, com o mundo debaixo dos pés... o ainôr dentro do coração, e a lúa nos céos sobre nossas cabeças,

JULIA.

D. Mariquinhas, você aproveitou muito no collegio!...

MARIA.

Oh! não zombes de mim.

JULIA.

Não sou capaz de tal; mas esse canto?...

MARIA.

Era assim :

Meu canto é como un véo,
Em que terno e medroso :
Do vulgo curioso
Se esconde um puro amôr.

Patrona dos mysterios
A lúia se revela,
Acorda oh minha bella
Que está velando amôr.

JULIA.

Bravo! muito bonito! e depois?...

MARIA.

Depois... nós nos amamos.

JULIA.

Isso não foi depois... já era antes.

MARIA.

Pois sim, depois eu conheci quem era o moço que eu amava, e vi uma barreira levantada entre mim e elle;

admire-se, D. Julia; esse jovem é conhecido de nós ambas... passamos a nossa infancia com elle, e eu o não conheci; mas tambem ha nove annos, que o não via.

JULIA.

Então quem será?...

MARIA.

Meu primo Juca.

JULIA.

Ah!... o snr. Juca!...

MARIA.

E agora eis-me para sempre d'elle separada : minha mãe, mal de fogo e sangue com meu tio Basilio, não consentirá nunca que nos casemos : e queres que esteja alegre?

JULIA.

Tem razão : e demais seus dous primos, filhos do capitão, com os olhos em você, e sua mãe com vontade de casal-a com um d'elles..

MARIA.

É um martyrio ! dous tamanhões, que não sabem dizer quatro palavras seguidas a uma snra.; ah! meu primo Juca!...

JULIA.

Está bem, não se afflija : olhe, ahi chega sua mãe.

SCENA III

AS MESMAS, GALATÉA e CLARA.

GALATÉA, com uma carta na mão.

Alviçaras, Mariquinhas! alviçaras! sahiu uma alma do purgatorio!

MARIA.

Como é isso, minha mãe?... o que ha?...

GALATÉA.

É teu tio capitão que finalmente arrancou-se da cidade : ainda não vi maior original! ás vezes faz-me ferver o sangue : é um diabo de capitão de cavallaria, que não vem á roça, porque tem medo de montar a cavallo!!! eu, sim, era que devera ser capitão de cavallaria! havia de entrar em fóрма montada em um cavallo bravo. Tambem não sei como aquelle meu mano chegou a capitão; é um arrotta-valentias, e ao mesino tempo medroso, como um capão!

MARIA.

Vamos, minha mãe, perdoemos a meu tio.

GALATÉA.

Tu bem sabes que por fim de contas gosto d'elle; porque sempre me acha razão : não é como o outro, o tal snr. meu mano Basilio, que me batia o pé por dá cá aquella palha!

MARIA.

É que no entretanto me queria tanto bem!

GALATÉA.

Não tens necessidade dos seus amores; principalmente agora, que chega o mano capitão, e estamos todos os parentes em casa...

MARIA.

Só falta meu tio Basilio, e o primo Juca; se tambem cá estivessem, tínhamos um prazer completo.

GALATÉA.

O que queres; não dou o meu braço a torcer: a nossa ultima questão fez-nos inimigos irreconciliaveis: todavia, confesso que elle teve razão: o caso foi este: teu primo Juca acabava de fazer onze annos, e já sabia ler, tú tinhas então sete annos; o tal meu irmão disse que ia mandal-o para a côrte a estudar para formar-se em medicina, e eu oppuz-me; porque n'esse tempo entendia que se não devia mandar instruir os filhos: disse que isso era uma demoralisação, e uma loucura; elle picou-se, e deu-me sete gritos, eu respondi-lhe com quatorze: já estavamos para nos atracar; quando o mano capitão nos apartou; e ficamos mal até hoje.

MARIA.

Mas minha mãe não pensava bem.

GALATÉA.

Isso reconheci eu tres annos depois, quando te mandei

para o collegio; porém, o que hei de fazer agora?... que-
res que peça perdão áquelle ventas de mono?...

MARIA.

Não, minha mãe; quero apenas que o mande convidar
para passar alguns dias com nosco.

GALATÉA.

Era para termos uma briga cinco minutos depois da
sua chegada: foi sempre assim desde criança... Aquillo é
um dragão de genio!...

JULIA, a Clara.

E ella é uma dragôa.

GALATÉA.

Nada; passamos cá muito bem sem elle: e tú prepara-
te para um alegrão, Mariquinhas; dentro de dous dias
escolherás um de teus primos para marido... não gostas
d'elles?...

MARIA.

Não, snra.

GALATÉA.

Como é lá isso?... pois não gostas de teus primos?

MARIA.

Gosto de ambos para meus primos, e de nenhum para
meu marido.

GALATÉA.

Que loucura é essa?... Pois dous mocetões esveltos, va-
lentes...

MARIA.

Serão o que minha mãe quizer que elles sejam; mas eu não amo a nenhum d'elles, e por tanto...

GALATÉA.

E por tanto o que? que diabo de geringonça é essa de amo, e de não amo?... o que é amôr?... ouviu! não quero que minha filha ande com amôres na cabeça: por ventura amei eu a teu pae quando casei?

MARIA.

Mas eu quero amar a meu esposo quando me casar, minha mãe.

GALATÉA.

Ai! ai! ai! que temos doudos em casa! Vem cá, filha dos meus peccados; olha, tú sabes que eu tenho o melhor genio do mundo, mas não me faças perder o sangue frio. Isto que tú chamas amôr é... é uma cousa que... é quando... é como... é o diabo emfim:

Amôr é fogo de palha,
É tratante e vil magano,
Mentiroso, deshumano,
É finalmente o diabo!

GALATÉA.

Por tanto...

MARIA.

Embora...

TIBERIO, dentro.

Viva o Tiberio!

GALATÉA.

Oh! eis o mano Tiberio, que chega! fica para logo a nossa conversa : agora nem uma palavra sobre essas maluices de amôr!

TIBERIO, dentro.

Nem um punhado de milho a esse maldito sendeiro!

GALATÉA.

O pastrana cahio do cavallo... não tem dúvida!

SCENA IV

Os PRECEDENTES e TIBERIO, com grande barriga e enormes bigodes; uniforme de capitão, espada e pistolas á cinta, e as calças enlameadas; MULHERES e FILHAS de feitores, e FEITORES que sahem ouvindo a voz do capitão.

GALATÉA.

Meu mano!...

MARIA.

Meu tio!...

JULIA.

Snr. Tiberio!...

CIARA.

Snr. capitão!... (Cumprimento e prazer.)

TIBERIO.

Ora viva lá a rapazeada!... Adeus, mana Galatêa! olé sobrinha! está você fazendo a gente velha ter vontade de estar com vinte annos de menos!... Oh mana! (Olhando para as moças.) Você tem um conservatorio de moças em casa! olhe, com tres raparigas d'estas na familia, não ha lá na côrte uma velha que deixe de receber convites para bailes!

GALATÉA.

Fico-lhe muito obrigada pelo cumprimento; mas vamos a saber: como foi de viagem?... olhe a sua figura não me dá esperanças de que a fizesse boa.

TIBERIO.

Ora, o que ha de ser! um comrade meu, emprestou-me na Praia Grande um cavallo, dizendo-me que era um carneiro: pois é como as ventas do meu comrade! o maldito sendeiro empacou comigo em um lameirão, e apenas cheguei-lhe as esporas, corcoveou como um cabrito, jogou duas horas e tres quartos comigo em cima (duas horas e tres quartos, que marquei de relógio na mão!) mas finalmente apanhou-me descuidado, fez uma piroeta, puchou uma fleira, e atirou-me dentro da lama!...

MARIA.

Ora, meu tio!...

GALATÉA.

Sempre foi um dous de páos a cavallo!

TIBERIO.

É boa!... pois eu podia crer que o patife do meu compadre me emprestasse um cavallo que dança o fado?! mas ao menos, mana, resta-me a consolação de que cahi em regra.

GALATÉA.

Então como foi?...

TIBERIO.

Cahi de barriga para baixo.

GALATÉA.

Que miseria!...

TIBERIO.

O maldito caixa d'ossos
Mais fino do que um palito,
Era, andando, uma preguiça,
Era, jogando, um cabrito.
Que cavallo tão sendeiro!
Que compadre tão brejeiro!

Cahi de ventas na lama,
Já o disse apesar meu;
Não me queixo do cavallo,
Quem teve a culpa fui eu:
Que cavallo tão sendeiro!
Que compadre tão brejeiro!

GALATÉA.

Você quando anda a cavallo é a vergonha da nossa familia!

TIBERIO.

Fico-lhe muito obrigado!... a nossa familia nunca teve honras de cavallo.

GALATÉA.

O que é?...

TIBERIO.

Deixemo-nos disto : vamos a saber : onde estão os meus rapazes, que ainda me não vieram tomar a benção?

GALATÉA.

Foram á uma diligencia, que você com ter espada á cinta não era capaz de fazer.

TIBERIO.

Então o que é?... ladrões?... quilombolas?... oh! diabo!... digam o que é?...

GALATÉA.

Dize-lhe, Mariquinhas, dize-lhe, que eu cá por mim fico tonta, quando penso em tal.

MARIA.

É um fantasma, meu tio!

TIBERIO.

Um fantasma! ora venha mais essa asneira : e eu a pensar que era alguma quadrilha de ladrões... não que tivesse medo; mas...

MARIA.

Não graceje com isto, meu tio. Vê ali no cume do

morro uma pequena casa em ruínas?... dizem, que n'ella morou um homem que perpetrou horriveis crimes; um homem que levantou a mão para seu pae, que maldice sua mãe, que derramou o sangue de seu irmão! Deus lhe perdôe tudo isso! Desde que esse desgraçado morreu, a casa ficou abandonada... todos tremem ao passar junto d'ella; ha quem assevere ter ouvido sahir d'ali gemidos pungentes; e agora, desde tres dias...

TIBERIO.

Desde tres dias o que?... não trema, que não ha razão para isso; fica por minha conta o desencanto do tal mundéo.

MARIA.

Desde tres dias, quando a noite se adianta, um fantasma branco... terrivel... medonho... vem passo a passo descendo pelo morro, e entoando um canto horroroso: seu vulto, seu andar... sua voz... não são d'este mundo: ha na côr branca de seu vestido alguma cousa de um finado... oh! é uma mortalha!...

TIBERIO.

E quem é que tem visto tudo isso?...

MARIA.

Minha mãe... eu, estas moças, nós todos... e tem-se-nos arripiado os cabellos, e temostremido de horror... e...

TIBERIO.

Ora muito bem, está decidido, que até o proprio Pão de Assucar cabe dentro da cabeça das mulheres!

GALATÉA.

Então pensa você que estamos inventando historias?...

TIBERIO.

Têm buxo de ema : engolem pedras. e araras : mas eu não pensava que engoliam também fantasmas !

GALATÉA.

Pois o snr. capitão, de espada á cinta, e de farda ás costas, ha de correr do fantasma, digo-lh'o eu...

TIBERIO.

Hei de, se elle apparecer, dormir hoje embrulhado na sua mortalha.

MARIA.

Meu tio ! que está dizendo !...

TIBERIO, com bravura.

Não posso conter-me... será arreganho militar... mas ouvindo fallar em fantasmas fico fóra de mim.

SCENA V

OS PRECEDENTES e JOSÉ, vestido de velho peregrino

JOSÉ, da tranqueira.

Alma piedosa !... (Voltam-se todos.)

Alma piedosa, attende
Ao triste peregrino,

Que a luz do seu destino
Na terra manda errar.
Alma piedosa, attende,
Que um pobre a mão estende.

MARIA.

Um pobre! minha mãe, um infeliz que pede esmola.

JOSÉ.

Ah!...

A fome me atormenta
Desde o romper da aurora,
A sede me devora,
De fraco vou tombar.
Dai água aos lábios meus,
Pão pelo amor de Deus!

MARIA, a Galatêa.

Minha mãe, permitta. (Indo a José.) Chegue, irmão...
chegue.

JOSÉ.

Mal posso andar.

MARIA.

Encoste-se... apoie-se no meu braço, vamos. (Entra o
peregrino.)

JOSÉ.

Obrigado.

MARIA.

Quer entrar comigo?... eu dar-lhe-hei de jantar.

JOSÉ.

Não, minha filha; aqui mesmo: a mesa de meus banquetes, e o leito de minhas noites, é sempre a relva.

MARIA.

Como quizer, eu vou buscar-lhe alguma cousa. (Para Clara.) Clara vem comigo. (Sahe com Clara.)

SCENA VI

OS PRECEDENTES, MENOS MARIA e CLARA.

TIBERIO, a Galatέα.

Estou meio desconfiado d'este sujeito: « Quem sabe, se não é algum ladrão disfarçado?... »

GALATÉA, a Tiberio.

Já você está a tremer de medo!

TIBERIO, a Galatέα.

Eu com medo!... (A José.) Será muita curiosidade saber donde vem o snr.?...

JOSÉ.

Eu venho de muitos lugares, e vou para outros muitos.

TIBERIO, comsigo.

Pèior... que diabo de voz tem elle!... é um frio que me penetra os ossos. (A José.) Então o snr.... o snr.... como é mesmo o seu nome?...

JOSÉ.

O Peregrino.

TIBERIO.

Tem andado muito hoje?...

JOSÉ.

Caminho sempre.

TIBERIO, a Galatέα.

Mana, das duas uma, ou é ladrão disfarçado, ou então é o Judeo Errante!

GALATÉA.

Lá vem Mariquinhas : coitada!... é a piedade em pessoa : tambem teve a quem sahir.

SCENA VII

Os PRECEDENTES, MARIA e CLARA, com uma cesta, toalha, etc.

MARIA.

Eis aqui o que pude trazer mais depressa.

JOSÉ.

É de sobra, minha filha. (Senta-se e come.)

TIBERIO, comsigo.

Não sei como me hei de pôr fora d'aqui!... implico sempre com peregrinos, e desconhecidos mysteriosos; não

é por medo... mas a vista dos peregrinos me faz mal aos nervos.

GALATÉA, Julia.

O tal capitão tem-se feito de mil côres!

TIBERIO, a Galatéa.

Mana, eu queria ir lá dentro mudar esta calça, que não está no uniforme... sujei-a de lama na queda, é assim...

GALATÉA.

Não vá, mano, que alguém pôde pensar que é medo.

TIBERIO, a Galatéa.

Medo?... pois ha algum perigo... alguma emboscada...

GALATÉA, a Tiberio.

Mano, comigo não pôde você ter imposturas, pois já o conheço : o peregrino lhe está fazendo dôres de barriga.

TIBERIO.

Oh! oh! oh!... ora só esta me faria rir... eu até gosto d'essa boa gente : olhe vou ter com elle. (Ao peregrino.) Amigo, bebamos juntos um copo de vinho.

JOSÉ.

Não bebo vinho.

TIBERIO, consigo.

Que olhar feroz me lançou o maldito! (A Galatéa.) Mana, elle diz, que não bebe vinho.

MARIA, a José.

Pois basta?...

JOSÉ.

Sim, minha filha, eu como pouco; agora permittam as snras. que eu descanse ainda alguns momentos recostado a esta cerca.

GALATÉA.

Como quizer; esteja á vontade, irmão.

TIBERIO, a Galatéa.

Oh! mana, pois você consente, que este desconhecido se demore aqui?...

GALATÉA, a Tiberio.

Eu não receio nada ao pé do meu capitão.

TIBERIO, comsigo.

Oh! diabo! quem me mandou sahir da cidade!

MARIA.

Pretende partir hoje, irmão?...

JOSÉ.

Sim, minha filha, caminharei de noite.

MARIA.

Então eu não lhe digo por mal, mas era melhor partir já, se não quer dormir em nossa casa.

JOSÉ.

Porque?...

MARIA.

Porque durante a noite um fantasma apparece n'esse monte, e ai d'aquelle que o encontrar!...

TIBERIO, consigo.

Vamos ver se animo o peregrino, a fim de que se ponha ao fresco; do contrario não durmo hoje aqui. (A Maria.) Deixe-se de parvoices, sobrinha; pois o snr. acredita lá em fantasmas!...

JOSÉ, erguendo-se.

Acredito.

TIBERIO, consigo.

Ora ahí tem... fil-a muito bonita.

JOSÉ.

O snr. nunca vio um fantasma?...

TIBERIO, consigo.

Eil-o comigo!... (A José.) Na verdade que... para fallar a verdade... cousas assim á modo de fantasmas... pôde ser; mas fantasmas verdadeiros é... que ás vezes... (Consigno.) Diabo! eu não sei se seria mellhor dizer, que sim, ou que não.

GALATÉA.

Mano, não trema assim diante d'este homem, que nos põe em dúvida a gloria da familia.

JOSÉ.

Eu já vi um fantasma. (Todos cercam o peregrino.) Foi bem longe d'aqui; haviam dous jovens, um moço, e uma moça, que se amavam; antigas odiosidades separavam suas familias, e para se encontrarem, os dous amantes iam a hora precedentemente ajustada a uma ermida que se le-

vantava no cabeço de um monte, como aquella casa ar-
ruinada.

MARIA.

Como aquella!...

TODOS, menos Tiberio.

Como aquella!...

JOSÉ.

Em um de seus encontros a moça havia dado ao seu amante um anel, onde se liam as palavras — amôr eterno, — e jurado que se lhe morresse o dono de seu coração iria chorar de joelhos junto a seu tumulo até que a mão enregelada se erguesse e lhe restituisse o anel... era um juramento funebre : um juramento de chorar até morrer.

MARIA.

Até morrer!!!

JOSÉ.

O pae da moça era austero e cruel; desconfiou dos amôres de sua filha, seguiu um dia seus passos, e quando os dous amantes lá na ermida juravam de novo amar-se até a morte... ouviu-se um tiro... e a moça vio a seus pés o cadaver de seu amado.

GRITO GERAL.

Ah!

JOSÉ.

A misera desmaiou... quando tornou a si estava louca : era uma loucura que fazia chorar os corações mais duros;

porque ella vagava pelos campos... subia o monte... entrava na ermida, e de joelhos junto ao tumulo do amante, cantava com voz abalada e triste um carme doloroso : era assim :

Meu cadavrer adorado,
Escuta a amante fiel;
Ergue a mão enregelada,
Dá-me o meu querido anel.
Contra amor, que te jurei
Morte horrivel nada val!
Será tua sepultura
Nosso leito nupcial.

MARIA.

Infeliz!...

JOSÉ.

A misera louca chorou, vagou pelos campos, cantou de joelhos junto ao tumulo do amante, e em fim morreu. Mas ainda depois de sua morte uma sombra impalpavel... branca... e melancolica vinha todas as noites ajoelhar-se ao pé do tumulo... Eu vi a sombra uma noite, e o pae da triste finada me contou a sua historia : mandei cavar a sepultura da ermida, e eu mesmo tirei o anel de amôr do dedo do cadaver já corrupto... desde então não mais appareceu a sombra.

TIBERIO, comsigo.

Que pedaço de patife!... como arranjou elle a sua historia!... mas cá em mim não pega: não tivesse eu medo

da gente d'este mundo, que com a do outro, passava vida folgada.

JOSÉ.

Eis aqui o anel do desgraçado : eu o conservo ainda ; é um talisman precioso : quem tiver este anel no dedo poderá arrostrar todos os fantasmas.

TIBERIO, consigo.

Ah !... o charlatão quer fazer negocio com o anel !...

JOSÉ.

Minha filha, a sua piedade me soccorreu ; aceite este anel, e conserve-o cuidadosa ; se ainda alguma vez o fantasma d'este monte apparecer, avance para elle com este anel no dedo, e verá como a sombra desaparece ou se curva submissa a seus pés.

MARIA.

Mas eu não sei se devo... o snr. quer privar-se de um tão estimavel thesouro?...

JOSÉ.

Eu sou pobre : e os ladrões, e os fantasmas não perseguem nunca os pobres : eis aqui o anel.

MARIA, recebendo o anel.

Obrigada, snr.

JULIA.

Por isso é bom fazer bem a todos. (Apparecem Francisco, Antonio, e Feitores descendo o morro.)

GALATÉA.

Ora eil-os ahi... (O peregrino vai recostar-se á cerca.)

SCENA VIII

OS PRECEDENTES, FRANCISCO, ANTONIO e FEITORES. armados
com espingardas, foices, etc.

FRANCISCO e ANTONIO.

Papae!...

TIBERIO.

Ora vivam lá, os meus rapazes!... chi!... como estão
queimados! vocês não tem sahido do sol!...

ANTONIO.

Temos passado vida de fidalgos!

FRANCISCO.

A titia adivinha os nossos desejos para realisal-os.

GALATÉA.

Qual, mano; é que estes rapazes são bons até não po-
der mais; e sobretudo generosos e valentes : olhe, não
parecem filhos de quem são.

TIBERIO.

Oh! muito agradecido!...

FRANCISCO.

Antonico, vé o cumprimento que recebeu meu pae!...

TIBERIO, consigo.

Agora ao pé dos meus rapazes não tenho eu medo do tal contador de historias. (Aos filhos.) Então, contem-me, que é feito do fantasma?...

ANTONIO.

Não achamos nem sombra delle...

GALATÉA.

Tambem foi galante idéa ir procurar um fantasma de dia!

TIBERIO.

Fantasma tem vocês todos na cabeça! até estes rapazes! que vergonha! no tempo da constituição dous rapazes acreditando em almas do outro mundo! (Todos se aproximam de Tiberio e o cercam.)

FRANCISCO.

Meu pae, o fantasma apparece.

ANTONIO.

Nós o temos visto.

GALATÉA.

Deixem fallar esse bobo.

MARIA.

Meu tio, é uma figura horrivel!...

TIBERIO.

Que patetas! que gente sem miólo!...

JULIA.

Uma figura branca como a cal da parede!!!

CLARA.

Tem uns olhos!!!

TIBERIO.

Deixem-me! já os não posso aturar.

TODOS.

Branco fantasma
De aspecto horrivel.
De olhar terrivel,
Vaga medonho.

Sinistro canta,
Sinistro geme,
Pragueja, freme
Sempre medonho.

TIBERIO.

Esse fantasma
Que o susto gera,
É vil chimera
Ou simples sonho.

AS SENHORAS.

Tremei de vel-o,
Que horror espalha,
Branca mortalha
Feio vestindo.

OS HOMENS.

Tudo é verdade
Que estaes ouvindo!

TODOS.

Quando apparece

O bosque treme,
O vento geme,
Tudo estremece!

TIBERIO.

Muito bem! Quando é que o tal snr. fantasma costuma dar o seu passeio?

FRANCISCO.

Pelo correr da noite.

TIBERIO.

Pois hoje desencanta-se o tal fantasma branco; e a senhora minha irmã, que assevera que sou o homem mais medroso do mundo, ver-me-ha á frente desta boa rapazeada fazer uma visita a aquella espelunca *latronum*, mesmo ás horas de apparecer o bicho careta.

MARIA.

Meu tio, que está dizendo?...

GALATÉA.

Hei de vel-o vir ás cambalhotas pelo morro abaixo.

TIBERIO.

Veremos isso; no entanto quero ir descansar alguns inomentos.

GALATÉA.

Vamos todos.

SCENA IX

JOSE, só.

Finalmente que me deixaram só! Oh! que gente parladreira!... estava já com as costas me doendo da maldita posição que tomei : e estas barbas que me incommodam ainda mais do que os bigodes do capitão Tiberio! Também, para fallar a verdade, eu tenho tanto direito de andar com estas barbas, que não são minhas, como o capitão com aquelles bigodes, que não sabe fazer respeitar : ainda não vi militar tão maricas. Mas *stop*, que sinto rumor por ali : cerca me *fecit* : toca a roncar. Olé! é a bella Mariquinhas; se eu pudesse trocar os roncos por suspiros, suspirava aqui duas horas inteiras! (*Suspira.*) Que demoninho de Mariquinhas aquella! feichar os olhos quando ella está presente é um sacrilegio... mas não ha remedio. (*Resona.*) Vem, ladrãosinho... estou quasi sonhando com ella... é uma cousa que eu podia arranjar muito naturalmente. (*Resona.*)

SCENA X

JOSE e MARIA.

MARIA, depois de observar José.

Elle dorme; descansa. Talvez o seu coração vasio de cuidados o faça menos infeliz do que parece : enquanto

eu cheia de saudades e de dúvidas... quasi sem esperança... penso... peno... e choro... (Medita.) Ah! meu primô!!! Quem sabe se elle ainda se lembra de mim!...

JOSÉ.

Coitadinha!...

MARIA, olhando.

Quem é?... (José ronca.) Quem fallou ali?... como estou eu! até julgo ouvir fallar quando me acho só. (Medita um instante, depois canta. José repete as ultimas notas do canto.)

MARIA, cantando.

JOSÉ.

Na minli' alma um terno amôr,

amôr!

MARIA.

Que é isto?... quem me responde? (José ronca.) Eu não vejo ninguem!... Oh! se fosse o echo!!!

MARIA, cantando.

JOSÉ.

Na minli' alma um terno amor,

amor!

MARIA.

Oh!... é o echo!... bemdito seja o echo!...

MARIA.

JOSÉ.

Na minli' alma um terno amôr,
O mais puro, e mais constante,
Pede só que esse que eu amo,
Seja sempre fido amante.

amôr!
constante!
amo!
amante!

MARIA.

Sim, meu bello, meu querido echo!... seja sempre fido amante.

JOSÉ, junto della.

Fido amante!.

MARIA.

Ah!...

JOSÉ.

Mariquinhas!... minha querida Mariquinhas!...

MARIA.

Primo Juca!... (Dão as mãos e cantam.)

JOSÉ.

Não podia mais a vida
Longe de ti suportar;
A saudade me matava,
Era immenso o meu penar.

MARIA.

Pura imagem da tristeza,
N'esta muda soledade
Em segredo eu devorava
Os martyrios da saudade.

AMBOS.

Já renasce em nossos peitos
Da ventura o meigo ardor;
No céu alvo da esperança
Amanhece o nosso amor.

MARIA.

Ah! meu amado primo, que surpresa tão agradável!...
Então você não se esqueceu de mim?...

JOSÉ.

É possível, querida Mariquinhas, que você chegasse
um só instante a duvidar da minha constancia?...

MARIA.

Duvidar?... eu sei... mas... é que eu tinha no coração
um dilúvio de saudades que se misturavam, apesar meu,
com mil dúvidas e mil pezares : umas vezes esperava, e
outras temia... Quem sabe, dizia eu a mim mesma, quem
sabe, se elle ainda se lembra de mim?!

JOSÉ.

Oh!... como podia eu esquecer-a, se minha alma é que
lembra, e se todos os pensamentos de minha alma con-
vergem para o nosso amor, como raios de luz que se
ajuntam n'um foco luminoso?... como esquecer-a, se em
toda a parte eu a vejo bella, amorosa e pura! Oh! sim!
em toda a parte!... eu vejo a frescura, e belleza de seu
rosto no raiar da aurora; eu escuto a harmonia de sua
voz no canto saudoso, que de manhã cedo entoa a mais
terna de todas as aves, eu sinto o perfume de seu hálito
na fragancia das mais odorosas flôres : sim... nós nos
amamos, e o encanto, a magia do nosso amor nos torna
superiores ao destino : n'este mundo, nada pôde separar-
nos : a distancia é uma chimera; porque apesar da dis-
tancia, pelos corações nos prendemos, e dentro da alma
de um o outro existe!...

MARIA.

Oh! é assim!... é assim mesmo!...

JOSÉ.

Os pensamentos, que se escapam de nossas almas como perfumes emanados de duas flôres irmãs, encontram-se no espaço e sobem unidos ao céu, como pombinhos brancos que voam juntos!...

MARIA.

Falle... falle mais, meu primo! O que você diz-me cahe no coração.

JOSÉ.

Sim, querida Mariquinhas, ninguem terá o poder de separar-nos : ainda quando a imaginação não nos chegasse tão para perto um do outro, a força de minha vontade destruiria todos os obstaculos : d'ora ávante ver-me-ha em toda a parte : da sua janella verá chegar um peregrino que pedirá pão para matar-lhe a fome... o peregrino serei eu : se divagar pelo valle um caçador atrahirá suas vistas... o caçador serei eu : n'um passeio a cavallo, cercada de parentes e de amigos, um cavalleiro fazendo seu ginete correr á desfilada ha de, passando a seu lado, lançar-lhe um olhar de amor; o cavalleiro serei ainda eu.

MARIA.

Oh! mas não se exponha por mim...

JOSÉ:

Eu nada temo. Sôbre tudo eu lhe amo, e para vê-la

vencerei todas as difficuldades... viverei uma vida romanesca... cheia de bellos episodios, de atrevidas aventuras. (Mudando de tom.) Que bello!... não ha nada melhor! nunca pensei que teria a felicidade de ser heroe de um romance: sim, minha bella prima; é um romance o que se está passando connosco, e segundo um velho habito dos romances, havemos acabar por casar-nos.

MARIA.

Pois confia...

JOSÉ.

No meu amor.

MARIA.

Mas ali dentro daquella casa se ergue uma barreira...

JOSÉ.

O meu amor é maior do que aquella casa, prima.

MARIA.

Eu até estou com medo de vê-lo aqui.

JOSÉ.

E eu acho-me tranquillo como uma ilha no meio do mar.

MARIA.

Se viesse agora alguém...

JOSÉ.

Punha as minhas barbas postiças.

MARIA.

Se chegasse minha mãe...

JOSÉ.

Pedia-lhe esmola.

MARIA.

Meus primos...

JOSÉ.

Deitava-me a dormir, e a roncar, como um endomoinhado.

MARIA.

Meu tio...

JOSÉ.

Fazia-lhe uma careta.

MARIA.

E elle seria capaz...

JO É.

De correr duas legoas sem parar.

MARIA.

Mas sempre foi uma imprudencia expôr-se a tanto...

JOSÉ.

Eu já não podia viver mais tempo longe de seus olhos. E demais, uma noticia horrivel cahio sobre mim como um raio... era preciso que eu viesse vê-la, fallar-lhe, e saber a verdade toda inteira. Sabe o que me disseram?... que meus primos tinham vindo ambos para aqui, e que dentro em pouco um delles deverá ser seu esposo. Ouvindo semelhante nova, perdi a cabeça; esqueci meus deveres; escrevi uma carta a meu pae dizendo-lhe que

me ausentava por alguns dias, e... e... fallemos em portuguez; prima, fugi de casa.

MARIA.

Oh! meu primo, você não fez bem...

JOSÉ.

Fui o primeiro a confessal-o... previ todas as consequencias, e estou prompto a sujeitar-me a ellas. Quando fôr tempo, voltarei para casa, meu pae gritará comigo tres dias inteiros, fechar-me-ha dentro de um quarto dous mezes... paciencia. No entretanto, minha bella prima, tire-me do coração este pêso horrivel, diga : é verdade o que me foram dizer?...

MARIA.

Sim, meu primo; é verdade que minha mãe tem pensado n'isso.

JOSÉ.

E você, minha querida Mariquinhas?...

MARIA.

Eu... eu lhe amo.

JOSÉ.

E minha tia pretenderá acaso obrigar-a a desposar algum d'aquelles dous toleirões?...

MARIA.

Receio muito que o tente...

JOSÉ.

Oh! sorte de uma figa! Querida Mariquinhas, se você se sujeitar a esse despotismo de minha tia... eu... eu sou

capaz de fazer alguma asneira. Não tolere isso, prima; é prepotencia, é contra a constituição, contra as garantias, contra a liberdade... eis ahí! fazem destas e depois queixam-se quando as filhas fogem de casa!

MARIA.

Meu primo!

JOSÉ.

Se não fosse fazer muita honra a aquelles dous trocaxintas, eu era capaz de ter um accesso de cinme!...

MARIA.

Oh! seria desconfiar de mim.

JOSÉ.

De você, não é tanto; mas d'elles desconfio muito.

MARIA.

Tenha fê na minha constancia...

JOSÉ.

Com minha tia de um lado, e os dous marmanjos do outro, está o meu amor muito bem arranjado! Ora que eu não possa frequentar esta casa!... olhe, prima, se minha tia me hospedasse, antes de tres dias eu punha os dous bigorilhas no olho da rua!...

MARIA.

Socegue...

JOSÉ.

Eu quero socegar, mas não posso: tenho os taes primos na garganta, engasgam-me.

MARIA.

Tambem eu, quasi que os aborreço.

JOSÉ.

Quasi?... péor está essa : prima, dê-me uma prova de que os não ama...

MARIA.

Quer outra melhor do que o amor que lhe tenho?...

JOSÉ.

Não basta..... estou assim não sei como... estou de ciumes.

FRANCISCO, dentro.

Eu já volto.

ANTONIO, dentro.

Nada... eu tambem vou.

MARIA.

Eil-os ahi.

JOSÉ.

Bom, vou dormir um somno : aqui me espicho. (Deita-se.)

MARIA.

Finja que dorme, primo, e verá como eu os trato.

SCENA XI

OS PRECEDENTES, FRANCISCO e ANTONIO.

ANTONIO, consigo.

Não pude ainda uma vez conversar a sós com minha prima : este irmão do diabo sahe-me sempre á frente.

FRANCISCO, consigo.

Eis o empata vasas! não tem duvida, não posso fallar com a prima uma só vez, que o snr Antonico não venha metter o nariz...

MARIA.

O que terão elles?... parecem ambos contrariados!

ANTONIO.

Nada! isto não se atura : vou fazer uma declaração de amor á prima mesmo, na cara do tal meu irmão! (Passa para o outro lado.)

FRANCISCO.

Não posso mais soffrer semelhante impertinente; vou expôr a minha paixão á prima, mesmo diante deste pastana! (Passa para o outro lado.)

MARIA.

O que é isto, primos?... (consigo.) Eu já me não posso conter : que galante par de namorados!

ANTONIO,

Prima...

MARIA.

Snr...

FRANCISCO.

Prima...

MARIA.

Snr...

ANTONIO, consigo.

Olhem o patife!...

FRANCISCO, consigo.

Ah! bregeiro!...

ANTONIO.

Priminha...

FRANCISCO.

Primasiinha...

MARIA.

Assim é impossível : não posso attender a dous ao mesmo tempo.

ANTONIO.

Prima do meu coração!...

FRANCISCO.

Prima da minha alma!... (José ronca fortemente. Francisco e Antonio assustam-se.)

FRANCISCO e ANTONIO.

Que é lá isso?

MARIA.

Não é o fantasma, não, primos; é um pobre peregrino que ali descança. (José ronca.)

ANTONIO, a Maria com ternura.

Desde muito que desejo...

JOSÉ.

Ejo!...

ANTONIO, olhando para Francisco e José ronca.

Ah! patife! (A Maria.) Que desejo confessar-lhe, que a adoro louca, e desesperadamente...

JOSÉ.

Mente!...

ANTONIO, furioso a Francisco. José ronca.

Mente, não se diz, ouviu!... não seja atrevido!...

FRANCISCO.

Atrevido é elle!

MARIA, mal podendo conter-se.

Primos, o que é isso? (Omsigo.) É impossível, eu hei de rir-me por força. (José ronca.)

FRANCISCO, a Maria com ternura.

Minha prima, quando procuro fallar-lhe, sempre infelizmente me esbarro... (José ronca em quanto elle falla.)

JOSÉ.

Barro!

FRANCISCO, olhando para Antonio.

Ah! insolente! (A Maria.) me esbarro com meu irmão...
por isso já embirro... (José ronca em quanto elle falla.)

JOSÉ.

Birro!...

FRANCISCO, olhando para Antonio.

Estou quasi saltando-lhe em cima! (A Maria.) Embirro
contra o tal meu irmão : minha prima, a paixão que me
devora...

JOSÉ.

Ora!

FRANCISCO.

E tão forte...

JOSÉ.

Orte!...

FRANCISCO.

Furibunda!

JOSÉ.

Bunda!

MARIA.

Ah! ah! ah! ah!

FRANCISCO, avançando para Antonio.

Ah! sô brejeiro : você pensa que pôde divertir-se co-
migo?...

ANTONIO.

Chico! olha que a mostarda já me chegou ao nariz?...

Se te chegas para mim, eu furo-te um olho... diabo!...

MARIA.

Então o que é isto? é assim que me respeitão?...

FRANCISCO.

É ali o snr., que...

ANTONIO.

Eu, não; foi o snr., que...

MARIA.

Basta, basta : não ha razão para tanta bulha. O que é que pretendem?... dizer-me ambos que me amão? bem : estimo bastante; mas agora a duvida está em saber qual dos dous deve ser o preferido : eu acho ambos os primos tão bonitos, tão dignos, que escolher um seria offender o outro... se eu achasse um meio...

FRANCISCO.

Prima, eu.

ANTONIO.

Eu, prima...

FRANCISCO e ANTONIO.

Ah! maldito irmão de uma figa!

MARIA.

Ah! um bello meio!

FRANCISCO e ANTONIO.

Qual?

MARIA.

Os snres. me amam ?

FRANCISCO.

Até os olhos !

ANTONIO.

Até a pontinha dos cabellos, prima.

MARIA.

Pois então sujeitem-se à uma prova : eu atarei um lenço nos olhos de cada um dos primos, e assim vendados, ambos tratarão de apanhar-me ; o primeiro que tiver a felicidade de me pôr a mão, será o preferido.

FRANCISCO.

Prompto : eis aqui o meu lenço.

ANTONIO.

Eis tambem o meu : é o jogo da cáb^ábra cêga !

MARIA.

Bem : vamos a isto. (Ata o lenço em Antonio.)

ANTONIO.

Ai, priminha, não aperte assim...

MARIA.

Chegue, primo Chico.

ANTONIO.

Oh ! prima, veja o Chico não fique olhando por baixo do lenço.

FRANCISCO.

Prima, (Baixo.) deixe o lenço bambo, ouviu?.

MARIA, apertando.

Sim, espere...

FRANCISCO.

Oi!

MARIA.

Agora apanhem-me... (Vai ter com José.) Eil-os ahi, são os meus namorados, eu lh'os entrego.

SCENA XII

FRANCISCO, ANTONIO e JOSÉ.

FRANCISCO.

Oh! prima!... prima!... (José dá-lhe palmadas.) Oi!...

ANTONIO.

Não se chegue tanto para elle, prima; dê em mim também. (José dá-lhe.) Assim, ladrãozinho! pancadas de amor não doem. (José dá-lhe.) Oi! safa, esta doêo.

FRANCISCO.

Prima, assim não vale; o Antonico está olhando por baixo do lenço. (José dá-lhe.) Ai! que mão pesada tem o diabo da prima!

ANTONIO.

Mas no caso de... (José dá-lhe.) Ai! como eu ia dizendo... (José dá-lhe.) Oi!

FRANCISCO.

Fogo nelle, prima... (José dá-lhe.) Oi!

ANTONIO.

Arrume-lhe. (José dá-lhe.) Oi!... (Esta scena pode prolongar-se convenientemente.)

TIBERIO, dentro.

É noite fechada, vamos.

JOSÉ, consigo.

Elles vem... é tempo de retirar-me. (Olhando para dentro.)
Adeus, querida Mariquinhas! oh!... lá vai em despedida.
(Dá em ambos.)

FRANCISCO.

Oi!

ANTONIO.

Oi!

(Vai-se José pelo morro. — Continuam Antonio e Francisco a procurar Maria de braços abertos; aproximam-se do patim ao tempo que vêm descendo todos, e seguram ambos em Galatέα.)

SCENA XIII

FRANCISCO, ANTONIO, TIBERIO, GALATÉA, MARIA, JULIA, CLARA
e os FEITORES, MULHERES e FILHOS dos ditos que sahem das diversas
casas.

GALATÉA.

Que quer dizer isto?... estarão doudos estes rapazes!...

FRANCISCO e ANTONIO, pegando ambos em Galatέα.

É minha!!! (Tiram os lenços.)

GALATÉA.

Ai! não offendam o meu pudor!...

FRANCISCO, a Antonio.

Pois sim, é sua... tome-a...

ANTONIO, a Francisco.

Nada... eu não quero... o snr. disse que era sua...

GALATÉA.

Mas que desaforo é este?...

ANTONIO.

Que vergonha!...

FRANCISCO.

Não sei onde me esconda! eu não digo palavra.

GALATÉA.

Então não respondem?

TIBERIO.

Ora eis ahi a mana a gritar! pois não vê que os rapazes estavam jogando a cabra cêga?

MARIA.

Oh! lá vai o peregrino! (Mostra o peregrino subindo o morro.)

GALATÉA.

Vai passar junto da casa arruinada... o seu anjo da guarda o acompanhe...

JULIA.

Eil-o ao pé della...

MARIA.

Ah! passou!!! e como está clara a lua!...

GALATÉA.

Este luar é propicio aos fantasmas, é a hora!... já principio a tremer.

TIBERIO.

Rapaziada, á frente!...

MARIA.

Que vai fazer, meu tio?...

TIBERIO.

Vou á casa arruinada; pois então?... vocês juram-me que lá não ha ladrões?...

FRANCISCO.

Sem dúvida.

TIBERIO.

Pois de almas do outro mundo não tenho eu medo. Rapaziada, olha a voz do general: esquadrão!... sentido!... esquerda a rodar!... marcha!... a trote!...

(Tiberio, Francisco, Antonio e os feitores avançam e vão subindo o morro para a casa arruinada; Tiberio vai na frente, mas empurrado pelos outros. As snras., meio voltadas para lá, ajoelham-se e cantam de modo que os homens chegam á casa arruinada depois de terminado o canto.)

CÔRO DAS SENHORAS.

Oh! Divina Providencia,
Vossos filhos amparaj!...

O FANTASMA BRANCO.

A funesta horrivel sombra
Em seu prol desencantai.

(Tiberio e os outros têm chegado junto da casa arruinada; apparece á porta o Fantasma; lançam-se todos pelo morro abaixo.)

SCENA XIV

Os PRECEDENTES e O FANTASMA.

FANTASMA, apparecendo á porta.

Tremei!!!...

TIBERIO.

Misericordia!... (Lançando-se pelo morro abaixo com os companheiros.) Mi... mi... misericordia!...

TODOS.

Misericordia!... misericordia!... (fodos cahem de joelhos.)

FANTASMA.

Tremei, curioso humano,
Que ousaes meu vulto encarar!...
Tremei se meus frios braços
Poderem vos abraçar!...

TIBERIO.

Ah!...

(Tremendo sem se poder ter de joelhos. O Fantasma vem descendo vagarosamente e pára no meio do morro em quanto se canta o coro.)

CÔRO GERAL.

Oh Divina Providencia,
Vossos filhos amparai;

A funesta horrivel sombra
Em seu prol desencantai.

FANTASMA.

Meu canto é como um véo,
Em que terno e medroso
Do vulgo curioso,
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lua se revela;
Acorda, oh minha bella,
Que está velando amor.

(Apenas começa este canto, Maria vai-se pouco a pouco erguendo e já sem receio.)

GALATÉA.

Agora sua voz é terna, o seu canto é meigo... elle não cantou nunca assim.

MARIA.

O fantasma, eu não o temo!... eis o meu anel, vou ter com elle... (Partindo.)

GALATÉA.

Minha filha!!!

MARIA.

Nada receie minha mãe... eu já não temo o fantasma... tenho o meu anel no dedo.

GALATÉA.

Mano Tiberio, salve minha filha!...

TIBERIO.

Assim sou eu tolo!... não saio d'aqui nem pelo diabo!

GALATÉA.

Mariquinhas! minha filha!!!

(Maria corre para o Fantasma com joanel na mão; este ajoelha-se, e cantam ambos com o côro.)

FANTASMA e MARIA.

A ventura está sorrindo,
Para nós n'um céu de amor;
A esperança desabroxa,
Como lisongeira flôr.

CÔRO.

Que desgraça, que imprudencia,
Oh! que susto, que terror!
Queira o céu salvar a louca
Do fantasma aterrador.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

ACTO II

O theatro apresenta a mesma decoraçào do acto anterior.

SCENA PRIMEIRA

TIBERIO, FRANCISCO, ANTONIO, GALATÉA e CLARA.

GALATÉA.

Deixe-se de imposturas; você não póde enganar a ninguem.

TIBERIO.

Hei de vingar a injuria que hontem se fez aos meus bigodes : digam-me cá; o fantasma tem orelhas?...

CLARA.

Cá por mim não sei, ainda não tive animo de olhar para elle.

TIBERIO.

Pois se tiver orelhas hei de arrastal-o por ellas até aqui.

GALATÉA.

Já não posso soffrel-o por mais tempo! Ah! snr. barriga de vento, porque com toda essa valentia deitou-se a correr hontem á noite pelo morro abaixo?

TIBERIO.

É falso! eu não corri; eram estes fracalhões, que me empurravam adiante de si.

FRANCISCO.

Ora, meu pae, vosmecê até estava a gritar como um desesperado.

TIBERIO.

Oh! insolente! assim fallas de teu pae?... que culpa tenho eu, de que não entendessem as minhas vozes?... o que eu bradava era : alto... frente... perfilar... mas desgraçadamente eu commandava um exercito sem disciplina.

GALATÉA.

A unica pessoa animosa foi Mariquinhas; bem diz o dictado : d'onde não se espera d'ahi é que vem!

ANTONIO.

Porém, minha tia, observe que ninguem tinha como a prima um arel encantado.

TIBERIO.

Seja como for : eu quero vingar os meus bigodes; e

desta vez hei de ir só... deixem-me; retirem-se, que eu vou partir em busca do fantasma.

GALATÉA.

Leva em cima de si um arsenal completo; mas eu creio que elle é capaz de largar até a espada para melhor correr.

TIBERIO.

Se eu achar o vil fantasma
Saberei subjugal-o,
Hei de montar-lhe nas costas,
Farei delle o meu cavallo.

FRANCISCO e ANTONIO.

Que loucura de meu pae
Querer cappar de animoso,
Quando todos o conhecem
Pelo capitão medroso.

GALATÉA e CLARA.

Nós já contamos gozar
A festa que tem de haver,
Quando o nosso capitão
Entrar aqui a correr.

TIBERIO.

Adeus! adeus! nada receiem por mim; tenham confiança na força do meu braço. (Parte para o morro.)

GALATÉA.

Nós temos toda a confiança na promptidão das suas

pernas. Deixemos ir aquelle maluco, e vamos tomar café.
(Vão-se.)

SCENA II

TIBERIO, só, que volta do morro.

Foram-se?... pois agora volto eu. Nada, n'aquelle mundo não entro nem por uma mina de ouro. Ora é boa! querem por força que eu seja um ferrabraz... pois não! meu pae, que Deus haja, não faz outro filho Tiberio: vou passear pela estrada; porque dentro do mato não caio em entrar: se me der o somno, deito-me em baixo de uma arvore, e d'aqui a duas horas appareço fatigado, e com os vestidos rotos, digo que bati montes e vales, que entrei em cincoenta furnas, e que não achei o fantasma!... apoiado!...

Não nasci para mata-mouros,
Ao meu corpo tenho amôr:
Para morrer falta-me o brio,
Para fugir tenho valôr.

A barriga me atrapalha;
Mas nos pés não tenho um callo;
Pulo mais do que um cabrito,
Corro mais do que um cavallo.

SCENA III

ANTONIO, só.

ANTONIO.

Ah! finalmente pude escapár um momento das garras de meu irmão : se fosse uma moça, estava eu bem livre de que se chegasse tanto para mim ; é uma sarna! tem-se tornado a minha sombra; não posso dar um passo nem fazer cousa alguma, que o snr. Xico não venha logo a socapa observar-me. Já perdi a esperança de fallar a sós com a prima... Escrevi-lhe uma carta; mas a difficuldade está agora em encontrar um fiel cravo da India... Oh! lá me sahe d'aquelle lado a afilhada de minha tia... se esta rapariga quizesse...

SCENA IV

ANTONIO e JULIA.

JULIA, consigo.

Eis aqui um dos apaixonados de D. Mariquinhas ; ora que todo o namorado tenha cara de tolo!... é celebre!...

ANTONIO.

Adeus, D. Julia.

JULIA.

Viva snr. Antonico.

ANTONIO, *comsigo.*

Eu não sei como lhe falle... tenho assim uma especie de vergonha.

JULIA, *comsigo.*

Certamente o sujeito quer-me dizer alguma cousa...

ANTONIO.

La vai... saia o que sahir...

JULIA.

Snr?...

ANTONIO.

D. Julia... se a senhora quizesse... me fazer um favor...

JULIA.

Conforme, snr. Antonico; eu sou muito sua affeioada, mas isso lá de favores é conforme.

ANTONIO.

Diga-me, a snra. é amiga de minha prima?...

JULIA.

Pois isso se pergunta?... sou afilhada de sua mãe, baptisamo-nos na mesma pia, creamo-nos juntas, e apezar della ser rica, e eu pobre, tratamo-nos como irmãs.

ANTONIO.

Eu... eu tambem amo muito minha prima.

JULIA.

Acho que está no seu direito, snr. Antonico.

ANTONIO.

Mas olhe D. Julia, tem sido o diabo; ainda não pude declarar a minha paixão, com todos os seus *ff* e *rr*, á minha prima.

JULIA.

Na verdade isso é máo, porque D. Mariquinhas dá extraordinaria importancia aos *ff* e *rr* : são as letras do alphabeto de que ella mais gosta.

ANTONIO.

Quer saber uma cousa?... resolvi-me a escrever-lhe.

JULIA.

Julgo que fez o que devia.

ANTONIO.

Acho-me porém muito embaraçado... como não tenho pessoa de confiança, que se encarregue da carta...

JULIA, consigo.

Se eu lhe apanho a cartã!... Oh! que regalo!...

ANTONIO.

Agora... se por ventura... a snra. quizesse...

JULIA.

Eu, snr. Antonico?... Deus me deffenda...

ANTONIO.

Pois que tinha?... não era nenhuma alma do outro mundo...

JULIA.

Mas é que vai a gente fazer um papel tão triste...

ANTONIO.

Como?... servir a sua amiga?...

JULIA.

Isso lá é verdade; todavia eu... tenho tanta vergonha... que...

ANTONIO.

Ande, D. Julia, tome... seja fiel a sua amiga. (Dá-lhe a carta.)

JULIA, consigo.

Pilhei-a! coitadinho do Antonico! (A Antonio.) Agora... Não vá o snr. dizer por ahí...

ANTONIO.

Oh! não tenha susto : adeus!... cuidado!

(A Julia.)

Servir uma boa amiga
Prova bondade e candura.

(Consiço.)

Que Tobias feminino
Me descobriu a ventura.

JULIA, a Antonio.

Por quem é, não diga nada
Do que pode conseguir.

(Consiço.)

Oh que tolo! a custa delle
Teremos muito que rir.

SCENA V

JULIA, só.

Bello ! bello ! eis aqui uma cartinha ; que me dá panno para mangas. O que devo porém fazer della?... Vejamos : guardal-a?... asneira no caso ; seria perder um thesouro... aqui hão de haver coisinhas de se aproveitar!... nada, guardal-a não : entregal-a a D. Mariquinhas?... outra asneira... isso era dar gostos ao snr. Antonico! Oh! lá vem o snr. Francisco... que idéa! pôr a carta nas mãos do rival... isso sim é que póde dar consequencias de fazer rir. Vá feito...

SCENA VI

JULIA e FRANCISCO.

FRANCISCO, consigo.

Onde se metteria o tratante do Antonico? eu não devo perder de vista aquelle aprendiz de chicana...

JULIA.

Snr. Francisco, faz favor de me dar uma palavra?

FRANCISCO.

Pois não, minha Juliazinha, não só uma como duas

duzias. *(Comsigo.)* Esta pequena assim como assim, não tem mãos bigodes.

JULIA.

Quero desabafar-me com o sr. . .

FRANCISCO.

Então que ha de novo?... *(Comsigo.)* A pequena parece meia arrebitadinha.

JULIA.

O sr. seu mano acaba de tratar-me muito mal... faz um conceito da gente, que...

FRANCISCO.

Aquillo é um bregeiro sem coração... é um tolo com balda de esperto, que é a péor casta de tolos que ha.

JULIA.

Pois não teve o atrevimento de querer fazer-me terceira nos seus amores?...

FRANCISCO.

Como é lá isso? falle : oh! diabo! e a boa peça de minha tia, a massar-me lá dentro, em quanto meu irmão fazia das suas cá por fóra!... Que estas velhinhas tenham sempre a balda de atrapalhar os rapazes!... *(A Julia.)* Mas que queria o tal badameco?...

JULIA.

Nada menos do que encarregar-me de uma carta para o sr. D. Mariquinhas.

FRANCISCO.

Ah! maroto!

JULIA.

E vou eu... com aquelle repente... puz-me a gaguejar e, sem querer, recebo a carta e agora não sei o que devo fazer...

FRANCISCO.

Oh! Juliasinha da minha alma, dê-me essa carta... dê-me...

JULIA.

Isso tambem não... era... eu não sei bem o que era; mas penso que não era fazer bem.

FRANCISCO.

Deixe esses eras, e não eras, e vamos ver as tolices que aquelle pedaço d'asno escreveu nesse papel.

JULIA.

E depois : se acaso seu irmão souber?

FRANCISCO.

Se elle lhe disser alguma liberdade, sou capaz de arrumar-lhe quatro cascudos.

JULIA.

O snr. dá-me palavra de lêr alto?...

FRANCISCO.

Ora... sem dúvida...

JULIA.

Pois eis aqui a carta; mas, segredo.

FRANCISCO.

Aquelle meu mano
 Não tem bolla sãa;
 É grande em namoro,
 Sublime em chicana,
 Juiso — canan.

JULIA.

Cuidado não falle.
 Fallar não é bom;
 Depois da leitura
 Não tuja nem muja;
 É ler e — chitón.

FRANCISCO.

Lá vai : (Lendo com interrupção.) « Priminha do coração ! »
 Olhem o bobo !... principia logo com uma asneira. « En
 vos amo desde a sola dos pés até a ponta dos cabellos. »
 Assim, pedaço d'asno !... aquillo sempre foi a vergonha
 da familia !...

JULIA.

Não se interrompa, snr. Francisco, vá lendo até o fim.

FRANCISCO.

« Querida prima, como me destino aos mysteres judi-
 ciales, permitti que vos pinte o meu amor assim a modo
 de promotor publico em libello accusatorio ; por tanto,
 attendei-me. » Ora, snr. : que quererá dizer este pateta
 das luminarias !...

JULIA.

Leia... leia... que está muito bonito.

FRANCISCO.

« Em libello terno accusatorio por parte de seu pobre coração diz o futuro advogado Antonio Tiberio Sarmento, primo da prima Mariquinhas, e sendo necessario provará : que antes de nascer já chorava por ella, e depois que lhe nasceram as barbas suspira todas as noites até a madrugada. » Que bobo !... « P. que a priminha por gratidão, ao menos, não deve desprezar quem tanto lhe adora. » Que tolo !... « P. que o coração do supp. vive arquejando aos pés da supplicada, como um cachorrinho, que rosna aos pés de seu snr. » Que pedaço d'asno !... « P. que o mano Xico. » Oh ! tambem eu entro no processo ?... « P. que o mano Xico não merece as attenções da prima, porque não póde fazer a sua felicidade ; pois alem de ter grandes tendencias para jogador, bebe já como um Polaco, alem de outros pequenos defeitos, como são o ter dado uma facada na Praia-Grande... » oh ! calumniador !... « e haver na cidade furtado um relógio. » Oh ! monstro ! assassino de minha honra !...

JULIA.

Como está bonita a cartinha !... continue...

FRANCISCO.

« P. que n'estes termos... » Provará que n'estes termos meu irmão Antonio é um miseravel tratante e eu hei de quebrar-lhe os ossos !...

JULIA.

Está bem ; mas...

FRANCISCO.

Patife!... dizer que eu dei uma facada na Praia-Grande!... en! que um dia caí desmaiado por ver matar uma galinha!...

JULIA.

Não faça caso...

FRANCISCO.

Jogador, eu?... eu?... que apenas sei a bisca, o estenderete, e o burro! hei de vingar-me!

JULIA.

Está bem, tem razão; mas agora...

FRANCISCO.

Bebado eu?... eu, que o unico espirito que entra na minha boca é as vezes alguma limonada de cajú, e isso mesmo me faz mal aos nervos... Oh! irmão fatal!!!

JULIA.

O caso vai ficando mal parado; se elle dá outro grito, eu safo-me; e o snr. Antonico que se arranje com o snr. Xico, como puder.

FRANCISCO.

Ladrão de relógio eu?... isto é o que não se atura... este insulto só se ha de lavar com sangue... não!... não devo soffrer, que ao pé d'aquella que adoro, assim se me calumnie... Vem, tyranno!...

JULIA.

Não ha outro remedio... ponho-me ao fresco. (Vai-se.)

SCENA VII

FRANCISCO, só.

Sim! esta affronta é tão grande, que não pôde ficar impune!... Bem sei que sou fraco, que sahi tal e qual a meu pae, pintado, cuspidado e escarrado; mas tambem o insolente que me offende é um vil maricas, como eu. Animo! um dia hei de ser homem de coragem: vou escrever a meu irmão, e desafial-o para um duello de vida ou de morte: a nossa arma será a pistola, o nosso lugar o cume do monte junto á casa arruinada... a nossa hora ás nove da noite... e teremos por testemunhas a lua e o fantasma!... ao menos será um desafio romantico!... Oh! sim!... vou immortalisar-me!...

Trema o tyranno
Calumniador,
Trema das flammas
Do meu furor,
Da minha raiva,
Do meu rancor!

Já não mais sinto
Fraterno amor;
Só dou ouvidos
Ao meu furor;
Trema o tyranno
Calumniador.

(Vai-sc.)

SCENA VIII

GALATÉA e MARIA.

GALATÉA.

Anda, Mariquinhas, cá fóra continuaremos mais em liberdade aquella conversa, que tínhamos hontem começado.

MARIA.

Mas que conversa, minha mãe?... realmente eu não me lembro mais.

GALATÉA.

Fallavamos a respeito do teu futuro casamento...

MARIA.

Ah! minha mãe...

GALATÉA.

Teus já deseseis annos, rapariga : estás bonita, e com uns olhos, que quem conhece olhos, vê logo que esses teus estão doudos por achar marido. Ora, eu como boa mãe, por modo nenhum te quero para tia : olha, Mariquinhas, tu ainda não sabes como é feio esse nome de tia, quando a tia não dá por sua parte algum sobrinho também : tia é um nome horroroso para as snras. solteiras; é um insulto que faz desesperar; é o mesmo que dizer que a pobre moça não achou nunca quem a quizesse aturar, e...

MARIA.

Está bem, minha mãe; eu confesso que não me acho com grande disposição para crear sobrinhos.

GALATÉA.

Pois então é preciso cuidar no casorio : nestes negocios não ha tempo a perder, tanto mais que casando-te moça podes ter a esperança de casar outra vez, enviuvando cedo.

MARIA.

Deus me livre de pensar em tal : seria desejar a morte do homem com que me casasse.

GALATÉA.

Não é por isso, tola; é porque tu és da familia dos viuvos.

MARIA.

Como é isso então, minha mãe?

GALATÉA.

Olha, os manos Tiberio, Basilio e eu, casamos todos no mesmo dia, e tres annos depois estavamos todos viuvos : e sabes porque não casei 'de novo?...

MARIA.

Não, senhora.

GALATÉA.

Porque na época do meu primeiro e unico casamento já eu contava os meus cincoenta completos. Convém portanto que te cases moça; porque, se segundo a regra da

faunília enviuvares tres annos depois das nupcias, e a regra fôr sempre a mesma, descontando para cada viuvez um anno de luto poderás, quando chegares aos sessenta annos, estar casada com doze maridos.

MARIA.

Misericordia, minha mãe!... não me deseje semelhante cousa!... era para me ficarem chamando a — enterra maridos.

GALATÉA.

É preciso que hajam exemplos desses no mundo para contrabalançar o grande numero dos mata-mulheres. Em consequencia de tudo quanto te acabo de expôr, lancei os olhos sobre alguns rapazes, e aqui te trouxe dous primos pretendentes, para que escolhas um delles. Não te incommode muito a escolha, filha, porque no fim de quatro annos poderás igualmente desposar o segundo.

MARIA.

Porém, minha mãe, não se lembra que meus primos pertencem tambem a familia dos viuvos?... Quem sabe em taes circumstancias se a victima será o marido, ou a mulher?... Olhe: eu não tenho vontade de casar-me para enviubar; mas, em ultimo caso, amigos amigos, negocios á parte; antes morra o marido, do que eu.

GALATÉA.

Cala-te, criança; tú não sabes disto: na nossa familia o ramo mais vigoroso foi sempre o feminino; todas nós somos mulhresinhas de faca e callião!

MARIA.

Está bem; eu peço um mez para decidir este negocio.

GALATÉA.

Um mez!. de modo nenhum; prometti a meu irmão, que amanhã se decidiria a questão de preferencia.

MARIA.

Preciso conhecer o homem com quem me devo casar; estes meus primos moraram sempre na côrte, e eu não os conheço ainda sufficientemente.

GALATÉA.

Estou prompta a dar-te todas as explicações, filha, posto que a defunta minha mãe não julgasse isso necessario comigo. Ora, escuta; teu primo Nico vai ser negociante...

MARIA.

Não me serve; escravo de cifras, e de algarismos, sem dúvida calcula já com o meu dote: irá escrever o meu nome no livro das entradas, uma hora depois de casar comigo.

GALATÉA.

Bem: então serve-te o Antonico, que se destina a procurador de causas.

MARIA.

Péor: teremos uma vida de chicana; ouvirei todo o dia em casa replicas, treplicas, agravos e appellações...

Um marido chicanista deve ser o maior de todos os martyrios.

GALATÉA.

Tola; a mulher é quem faz o marido : o segredo está no principio : é logo na lua de mel pôl-o de selim e freio, que elle fica humilde cavallinho toda a sua vida.

MARIA.

Embora, minha mãe, estes dous sujeitos não me convêm... Olhe... eu. antes quero morrer, do que casar com qualquer d'elles.

GALATÉA

Filha, não me venhas com parvoices, que já me vai subindo o sangue á cabeça, e eu sou capaz...

MARIA.

Minha mãe, pôde fazer o que quizer, menos obrigar sua filha a casar contra a vontade, no tempo da Constituição.

GALATÉA.

Oh! grandissima não sei que diga! pois tu já sabes de Constituição?...

MARIA.

Senhora...

GALATÉA.

Será teu marido
Quem me parecer,

Cumprir minhas ordens
É só teu dever.

MARIA.

De mãe os direitos
Eu sei respeitar ;
Mas só com quem amo
Lhe juro casar.

AMBAS.

GALATÉA.

Desprezo tolices
De amor e de amar ;
Segundo meus votos
Tú has de casar.

MARIA.

Eu quero um esposo
Digno de se amar ;
Contra votos d'alma
Não hei de casar.

TIBERIO, dentro.

Ah! que d'El-Rei!... quem me acode!... Ah! que d'El-Rei!...

GALATÉA.

É o mano Tiberio...

MARIA.

Que será? . que lhe succederia?...

SCENA IX

OS PRECEDENTES, FRANCISCO, ANTONIO. JULIA, CLARA,
OS FEITORES, etc., etc.

FRANCISCO.

É a voz de meu pae...

ANTONIO.

Que será?

TODOS.

O fantasma... de dia...

SCENA X

OS PRECEDENTES, e TIBERIO, desarmado e em desordem.

TIBERIO.

Soccorram-me!... é elle!... eu o vi!... é elle mesmo!...
o Fantasma .. lançava chammias pelos olhos... brasas pela
boca... fumaça pelo nariz... deitou a correr atraz de
mim... a chamar-me pelo meu nome... correo... não tem
pés... tem patas... é coxô... é caólho... é maneta... é o
diabo em pessoa!...

TODOS.

Misericordia!...

MARIA, consigo.

Do Fantasma não tenho eu medo.

BASILIO, dentro.

Oh! Tiberio!... oh! maluco!...

TODOS, grito geral.

Ah!...

TIBERIO.

Escondam-me... escondam-me... eu vou metter-me dentro de um forno... (Vai subir a escada, e cabe.) Estou morto!
(Fica immovel.)

GALATÉA.

Eis o que foi fazer este maldito... chamar a desgraça sobre minha casa... eu vou rezar! (Vai-se correndo.)

MARIA.

Que será isto?...

FRANCISCO.

Meu pae!

TIBERIO.

Deixa-me, filho do diabo! homem morto não falla: diga-me que morri de medo.

SCENA XI

(Os PRECEDENTES e BASILIO.)

BASILIO.

Oh! Tiberio! oh! maluco!

FRANCISCO, ANTONIO e MARIA.

O tio Basilio!

TODOS.

O snr. Basilio!...

BASILIO.

Adeus, sobrinha! venha lá esse abraço!

TIBERIO, comsigo.

É a sua voz!... *abrenuntio!*...

BASILIO.

Adeus, Chico! Que diabo de barbas são estas?... Se eu fosse teu pae, tinha já mandado deitar esse mato abaixo; mas que é do pastrana do mano Tiberio, que deitou a correr assim que me viu?

ANTONIO.

Assim quẽ lhe viu? ..

FRANCISCO.

Pois era Vmce., meu tio?...

TIBERIO, levantando a cabeça.

Aquella cara é a do mano Basilio!...

BASILIO.

Era eu sem mais nem menos. Apeei-me ali em casa do compadre Matheus, e vinha vindo a pé para cá quando encontro a figura do mano Tiberio... dormia em baixo de uma arvore, e roucava como um porco; ponho-me a gritar por elle, e o basbaque acorda espantado, 'dà com

os olhos em mim, larga espingarda, pistolas e espada, e deita a correr como um veado...

TODOS, menos Francisco e Antonio.

Ah! ah! ah! ah!

TIBERIO.

Que vergonha!... que vergonha!...

BASILIO.

Mas onde está elle? Oh! Tiberio! Tiberio!

TIBERIO.

Em? (levantando a cabeça.)

BASILIO.

Oh!... pois estás ali?... olhem que figura!... levanta-te, homem, estás doudo?... (Levanta-se.) Anda, dá cá esse abraço! ha que tempo, em?... então porque corrias tu de mim?... estás mal comigo?...

TIBERIO.

Basilio, olha que estás com uma cara que assusta a gente... pareces-te com um fantasma pintado e cuspidor. (Comsigo.) Que vergonha!...

ANTONIO.

Coitado de meu pae!

BASILIO.

Mas porque corrias tu, homem?...

TIBERIO.

Ora... não fallemos nisso:..

MARIA.

Tio Basílio, o caso é este : apparece aqui todas as noites um terrivel fantasma : o tio Tiberio sahiu á algumas horas em busca delle, e sem duvida adormeceu involuntariamente ; acordou sobresaltado aos seus gritos, e pensando que Vmce. era o fantasma deitou a correr até aqui assombrado.

BASILIO.

Ah! ah! ah! Ora esta não se conta a ninguém.

TIBERIO, consigo.

Eu logo vi : quem havia de fallar ! é mulher e basta.

MARIA, a Antonio.

Primo, faz o favor de ir dizer á minha mãe que se acha aqui o tio Basílio?...

ANTONIO.

Pois não, priminha! oh voz de assucar refinado!
(Vai-se.)

FRANCISCO, consigo.

Ella lhe falla em segredo!... tudo está decidido! vou mandar-lhe o cartel de desafio. (Vai-se.)

SCENA XII

Os PRECEDENTES, menos ANTONIO e FRANCISCO.

BASILIO.

Que carreira, em que vinha
O maricas medroso,
A pensar que eu seria
O Fantasma horroroso.

TODOS.

Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!

TIBERIO.

Que vergonha!
A julgar
Que era elle
O Fantasma!

BASILIO.

Que tolo!
Que carreira!
Que parvo!
Que asneira!

TODOS.

Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!
Ah! ah!

TODOS.

Ah! ah! ah! ah! ah! ah! ah!

TIBERIO.

Basta! basta de zombar dos contratempos a que estão sujeitos os guerreiros.

MARIA.

Sim, basta de zombar de meu tio.

BASILIO.

O que te vale é seres apadrinhado por esta pecurru-cha, de quem sempre gostei tanto. Sabes, Mariquinhas? vim fazer as pazes com tua mãe

MARIA.

Oh! como me alegra meu tio!... eu vou saltar de prazer!

BASILIO.

Olha... com tanto que ella não venha com alguma das suas, tudo se arranjará. Aquella mana Galatêa tem um genio como a cara della!

MARIA.

Meu tio!

BASILIO.

Eu cá sou outro serrasina; mas espero conter-me.

MARIA.

Ahi vem minha mãe : meu tio, prudencia.

SCENA XIII

OS PRECEDENTES e GALATÉA.

GALATÉA.

Criada do snr. Basilio!

BASILIO

Servo da snra. Galatêa. (Comsigo.) A maldita velha nem o nome de irmão me deu!

GALATÉA, Comsigo.

Olhem o vil tartaruga! nem por irmã me trata!

MARIA, consigo.

Receio tudo do máo genio de minha mãe, e de meu tio. (A Basilio.) Meu tio, prudencia!...

BASILIO, a Maria.

Por tua causa já estou a torcer-me.

MARIA, a Galatέα.

Minha mãe, trate bem a meu tio.

GALATÉA, a Maria.

Estou já n'uma polvora; mas tu és a minha agua fria.
(A Basilio.) Estimo bastante vel-o.

BASILIO.

Fico-lhe muito obrigado.

TIBERIO, consigo.

Que duas biscoas! ninguem dirá que são irmãos d'um paz d'alma como eu.

GALATÉA.

O snr. não quer entrar para descansar?...

BASILIO.

Nada: quero, antes de tudo, dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui.

GALATÉA.

Estou ás suas ordens.

BASILIO.

Sara. minha irmã, eu tomo a todos por testemunha de

que estive mal com a snra. nove annos, e que nunca precisei da sua amizade.

MARIA, a Basilio.

Meu tio!

GALATÉA.

Nem eu da sua : ouviu?

MARIA, a Galatéa.

Minha mãe!

BASILIO.

E portanto não é por interesse que aqui me apresento. Snra. Galatéa, venho dar-lhe razão, venho entregar-lhe as mãos á palmatoria... venho dizer que a snra. é uma sabia, e que eu... sou... um burro.

TIBERIO, consigo.

Que modestia de meu irmão!

BASILIO.

Sim, venho até pedir-lhe perdão : porque eu não quiz seguir os seus conselhos, depois de nove annos acabo de receber o merecido castigo; perdi, desmoralizei meu filho mandando-o estudar : meu filho acaba de fugir-me de casa!

GALATÉA.

Sinto muito da minha parte.

BASILIO.

Repito : a snra. tinha toda a razão no que me dizia :

aquelle, que manda instruir seus filhos, é um pedaço d'asno...

MARIA, a Basilio,

Meu tio!

GALATÉA.

Pedaço d'asno é quem os quer encharcados na ignorância!

MARIA, a Galatêa.

Minha mãe!

BASILIO.

É um bruto... sem alma...

MARIA, a Basilio.

Meu tio!

GALATÉA.

Bruto é você, ouvio!

MARIA, a Galatêa.

Minha mãe!

BASILIO.

Merece que lhe desanquem os ossos...

MARIA, a Basilio.

Por quem é...

GALATÉA.

O snr. vem insultar-me em minha casa?...

MARIA, a Galatêa.

Prudencia, minha mãe!

BASILIO.

Oh! velha de uma figa! pois você não vê que a mim mesmo é que me descomponho, e que lhe estou dando razão?...

GALATÉA.

Eu bem o conheço, snr. cara de mono : como sabe que mandei educar minha filha, vem agora dizer-me d'estas! olhe que sou capaz de mandal-o correr á páo d'aqui para fóra!

MARIA.

Está tudo perdido! que desgraça!...

BASILIO.

Manda, se és capaz, tartaruga! velha! dragão! furia! ventas de mono!

GALATÉA.

Oh! grandississimo atrevido! já d'aqui para fóra sô basbaque, mata-cães, unhas de fome!

BASILIO.

Snra. Galatéa, a snra. sempre é uma mulher que tem nome de cachorro!

GALATÉA.

E você se não tem o nome, é apezar disso um cachorro, um atrevidaço!

BASILIO.

Snra. Galatéa, olhe que eu sou capaz de medir-lhe o corpo com este páo!..

GALATÉA.

Eu sou quem ainda ha de arrancar-lhe o nariz com estas unhas!

MARIA, a Tiberio.

Meu tio, socegue seus manos; elles já não me ouvem...

TIBERIO, a Basilio.

Mano Basilio, veja o que faz, isso não é modo...

BASILIO, a Tiberio.

Sahe d'aqui tu tambem, barriga de vento; olha que te arrumo um cascudo!... tu és tão bom como tua irmã.

TIBERIO.

Safa!... (Retirando-se.)

MARIA, cahe de joelhos entre os dous.

Pois então, minha mãe, meu tio, eis-me aqui! eu estou no meio de vós ambos! os insultos que vos lançaes mutuamente não poderão chegar mais um ao outro, sem que primeiro passem por mim! meu sangue é o sangue de vós ambos! por quem sois, tende piedade de mim, não vos offendendo! eu não me levantarei d'aqui em quanto gritardes!

BASILIO, erguendo-a do seu lado.

Porque carga d'ágoa nasceria uma pomba do ventre de um tigre!...

GALATÉA, erguendo-a do seu lado.

Eu trabalharei por conter-me, minha filha,..

TIBERIO, comsigo.

Olhem... que estiveram ás duas por trez a agarrar-se ! ..

BASILIO.

Snra. Galatéa, agradeça á sua filha o não haver hoje aqui o diabo a quatro !

GALATÉA.

E você...

MARIA, a Galatéa.

Minha mãe !

BASILIO.

Eu me vou, e nunca mais tornarei á esta casa ; fique-se com o seu genio de trovoada, maldita velha rabugenta.

GALATÉA.

Vá-se dos meus olhos, sô cara de fôrma de paliteiro.

BASILIO.

Oh que velha rabugenta !
Oh que arpia tão feroz !

MARIA.

Não a insulte, caro tio,
Tenha compaixão de nós.

GALATÉA.

Vá-se embora e para sempre,
Feio velho cabeçudo.

TIBERIO.

Oh mana, tome sentido
Se elle solta-lhe um cascudo!

BASILIO.

Irmão tão raivosa
Não posso aturar.

GALATÉA.

Irmão tão bulhento
Não posso aturar.

MARIA.

Que pena!

TIBERIO.

Que dôr!

CÔRO.

Irmãos a brigar!

TODOS.

Que raiva, que furia,
Que estranho rallar!

BASILIO.

Adeus, sobrinha! saude snr. Tiberio; divirta-se.
(Vai-se.)

SCENA XIV

OS PRECEDENTES, MENOS BASILIO.

GALATÉA.

Vai-te, irmão desnaturado!

TIBERIO, consigo.

É celebre! ainda em cima da carreira que me fez levar, despede-se de mim como um inimigo! Olhem que casta de irmãosinhos tenho eu!

MARIA.

Meu pobre tio! quando elle vinha procurar a paz!

GALATÉA.

Cala-te, pateta, ou então toma as dôres por tua mãe, que é esse o dever de uma boa filha...

MARIA, consigo.

Ah! primo Juca do meu coração! (Ouve-se um realejo.)

CLARA.

Lá vai um homem de realejo!

GALATÉA.

Pois deixemol-o ir.

TIBERIO.

Nada! aquillo é uma das mais bellas invenções do

mundo : dentro d'aquella caixa dançam bonecos... miam gatos... ladram cachorrinhos... oh! bello! bello! minhas meninas, chamem o homem do realejo, vamos tomar um fartão!

JULIA.

Sio, oh! smr.! smr.! (O Italiano vai subindo o morro.)

SCENA XV

Os PRECEDENTES, e JOSÉ, vestido de Italiano com o realejo ás costas.

JOSÉ.

Che comanda, bella ragazza?

JULIA.

Venha cá, ande.

JOSÉ.

Oh! súbito!... (Descendo do morro.)

Bella ragazza,
Quanto mi piace!
Non è capace
Tradire il cor.

Umilissimo servo de mios sures.!

TIBERIO.

Que bello! como são grandes e admiraveis estes estrangeiros!... meu caro monsiú, toque lá o seu instrumento,

e mostre-nos as suas raridades... chega, minha gente, chega!

JOSÉ.

Com muito piacere : perdonate, mios sures.; io non parlo piú bene il portuguez.

TIBERIO.

Entendo... entendo maravilhosamente! elle pia unicamente o portuguez.

GALATÉA.

A proposito, Mariquinhas : tu não estiveste aprendendo o italiano no collegio?...

MARIA.

Sim, s'ra.; mas agora...

GALATÉA.

Ohi! monsiú!! conversate di italiani com este menine.

TIBERIO, comsigo.

Venha mais esta atrapalhação! ora que todas as mães tenham a mania de atormentar a gente com as habilidades das filhas!...

GALATÉA.

Conversate com este menine...

JOSÉ, a Galatéa.

Voluntiere. (A Maria.) Lei parla italiano?

MARIA.

Si, signore.

JOSÉ.

Oh! mia diletta cugina, che piacere!...

MARIA.

Ah! siete voi, cugino Pipo!!!

GALATÉA.

Que te disse o estrangeiro que tanto te agradou?

MARIA.

Diz, que sympatisou muito com minha mãe. (Comsigo.)
Ah! é o primo Juca! (A José.) Mio bello cugino Pipo! siete voi?...

JOSÉ.

Tutto intiero; e non sapeva come dirle certe cose.

TILERIO, batendo palmas.

Que diz elle? que diz elle?

MARIA.

Diz que meu tio tem cara de ser homem valente.

JOSÉ.

L'audacia trasparisce dal suo semblante...

TIBERIO.

Isso é obsequio que me quer fazer. (Comsigo.) O diabo me leve se eu entendi o que elle disse.

MARIA.

Dunque profitiamo; l'occasione è bella.

JOSÉ.

Prima che siamo costretti a tacere, sappia: all' ascen-

dere la montagna c'è una pietra con un fiore sopra, sotto la quale lasciai una lettera per voi.

GALATÉA, *comsigo.*

Estou ficando meia desconfiada da tal conversa!

MARIA.

Benissimo : subito andrò a prenderla; non vuoi dire niente di più?...

JOSÉ.

Che io t'adoro, mia bella cugina!...

TIBERIO.

O brejeiro diz que quer ir para a cosinha! Que graça!...

MARIA.

Oh! sono beata!... e anch'io t'amo!... lo giuro a te.

GALATÉA.

Basta de conversa; vamos aos bonecos.

JULIA, *comsigo.*

Tambem pela minha parte acho um não sei que n'este Italiano.

JOSÉ, *tocando e mostrando.*

Attenzione : reparate, mios signores, in queste ragazzetti, come pule... come brinque... reparate in questo coniglio...

TIBERIO.

Bravo! mana! olhe o coelho... é bonito!... E aquillo, aquillo, monsiu do meu coração?

JOSÉ.

É una beccaccia.

TIBERIO.

Uma bichacha, mana!... bravo, uma bichacha!...

GALATÉA.

É uma galinhola, tolo : pois não conheces uma galinhola?...

JOSÉ.

Galinholo, certamente... questo è uno cinghiale.

TIBERIO.

Ih! que formidavel porco!... olhe, mana!...

GALATÉA.

Está bem : basta, que é noite : aqui tem, monsiù. (Dá-lhe dinheiro.) E boa viagem.

TIBERIO.

Ora que pena!... deixal-o ir tão cedo!

JOSÉ.

Obbligatissimo! umilissimo servo dei miei signores :

Bella ragazza,
Quanto mi piace!
Non è capace
Tradire il cor.

SCENA XVI

OS PRECEDENTES, menos JOSÉ.

TIBERIO.

Ora não estou com saudades do Italiano!... estes estrangeiros são os peccados da gente!

GALATÉA.

Vamos recolher-nos que é noite : o fantasma pôde apparecer, e não é bom que nos ache aqui.

TIBERIO.

Vamos... não que eu tenha medo do tal fantasma; mas a prudencia sempre foi a primeira virtude dos guerreiros.

MARIA.

Minha mãe, eu já lhe sigo. (Vão-se todos.)

JULIA, a Maria partindo.

Não ha nada como fallar italiano! (Vai-se.)

MARIA.

Maliciosa!

SCENA XVII

MARIA, só.

Elle disse-me que ao subir da montanha ha uma pedra com uma flôr sobre ella, e que embaixo d'essa pedra está

uma carta para mim. Ninguém me espreita... é tempo...
(Corre e depois volta.) Eil-a aqui, ha que tempo não recebo
uma carta do meu querido primo! oh! vou lêl-a... vou
decoral-a... vou beijal-a mil vezes, e depois guardal-a sô-
bre o meu coração... (Vai-se.)

SCENA XVIII

FRANCISCO, só

Eis aqui uma victima do amôr e do ciume!... não tem
duvida : fil-a bonita! fil-a como as minhas ventas! aceso
de colera desafiei o meu irmão : agora passou a febre...
acho-me a sangue frio; mas peguem-lhe com um trapo
quente!... ah! em que se foi metter o filho de meu pai?...
e para onde fui determinar o encontro?... para o cume
do monte, junto á casa arruinada!... oh! cabeça desmio-
lada, que fui fazer!!! ah!... aqui só resta uma esperança;
creio que meu irmão é tão banana como eu : duvido que
se atreva a subir a montanha só, e a estas horas; pois eu
vou esconder-me em baixo d'esta escada, e se elle não su-
bir... nem eu : ananhã juro que o estive esperando, e
que... mas não, deixemo-nos de imposturas... tomara que
tudo acabasse em bem... ah!... sinto rumor... aqui me
agacho. (Esconde-se em baixo da escada.)

SCENA XIX

ANTONIO e FRANCISCO, escondido em baixo da escada

ANTONIO.

Aqui estou prompto para subir ao patibulo!... nunca me enganei com aquelle meu irmão... sempre lhe achei na cara signaes de assassino... estive quasi não quasi deixando-me ficar deitado... pois o malvado fraticida não podia matar-me na cama sem me dar o incommodo de subir a montanha! ah! se eu lá não fôr, amanhã põe elle a boca no mundo, e certamente a prima não quererá para marido, um gallinha como eu : não ha remedio, vamos morrer... eu nem sei para que trouxe pistolas!... nunca me entendi com isto!... sou capaz de apontar para elle, e acertar com a bala na minha cabeça!... mas o que é verdade é que sósinho não subo a montanha... se elle quizer, vá adiante... é o melhor; escondo-me debaixo d'esta escada e espero pelo meu algoz para ver se elle tem animo de subir o monte a estas horas. (Vai-se dirigindo para a escada.)

FRANCISCO.

Eil-o comigo... oh! agora mata-me aqui encurralado, como se mata um tatú no buraco.

ANTONIO.

Nunca me tremeram tanto as pernas... se este frio continúa, na hora do desafio dou parte de doente... digo que estou com maleitas...

FRANCISCO.

Lá vem elle direito a mim como um fuso!... ora que eu por minhas mãos me sepultasse em vida!... nada.. eu fujo...

ANTONIO.

Entremos n'este buraco... (Vai a entrar e sahe Francisco; susto de ambos.) Oi!

FRANCISCO.

Ah!... eil-o já de pistolas, e eu que deixei as minhas no buraco!...

ANTONIO.

O malvado estava de emboscada!...

FRANCISCO.

Aqui não ha que esperar... é morrer caladinho como um carneiro...

ANTONIO.

Eu não sei que faça... já perdi até a dôse homeopathica de animo com que vim aqui... Se eu pudesse dar uma carreira pela escada ácima... talvez que com o meu repente elle não se lembre de atirar.

FRANCISCO.

Estou quasi não quasi embarafustando pela escada... se me pilho lá dentro... oh! quem me dera!...

ANTONIO.

Eu ponho-me ao fresco, não tem dúvida. .

FRANCISCO.

Aqui não ha que esperar, é fugir ou morrer...

ANTONIO.

Lá vai. (Corre á escada ao mesmo tempo que Francisco; caher.)
Ai!

FRANCISCO.

Estou morto!...

ANTONIO.

Mano Francisco, o snr. machucou-se?

FRANCISCO.

Mano Antonico, se lhe offendi, queira perdoar!...

ANTONIO.

Ora isto... entre irmãos que se estimam...

FRANCISCO, comsigo.

Elle vai-se abrandando. (A Antonio.) É verdade... entre irmãos.

ANTONIO.

Como o snr. me desafiou.

FRANCISCO.

Ah!... aquillo foi uma brincadeira...

ANTONIO.

Então... o snr. não quer...

FRANCISCO.

Pois eu havia de querer derramar o sangue de meu irmão?...

ANTONIO.

Respira, coração!...

FRANCISCO.

Ah!... acho-me agora tão leve!... eu sou uma especie de homem ressuscitado.

SCENA XX

FRANCISCO, ANTONIO e JOSÉ, vestido de fantasma, no monte.

JOSÉ.

Destino!...

ANTONIO e FRANCISCO.

O fantasma!...

FRANCISCO.

Fujamos para dentro...

ANTONIO.

Eu não tenho animo : em quanto se nos vier abrir a porta, o fantasma salta-nos em cima, e fila-nos!...

FRANCISCO.

Então não ha que pensar... eu metto-me embaixo da escada...

ANTONIO.

E eu... isto é mna noite de amargura! (Escondem-se embaixo da escada.)

JOSÉ.

Destino enfezado, na terra me ordena
 Terrível fantasma de noite vagar,
 Até que propício me preste o acaso
 Um meio que deva me desencantar.
 Meu fado me impôz vagar na montanha,
 Até que uma noite, por força ou por manha,
 No sangue de um homem me possa lavar.

(Desce.)

FRANCISCO.

Eil-o comnosco.

ANTONIO.

Estamos aviados... agora sim, tem elle sangue de sobra
 para tomar o seu banho!...

FRANCISCO.

Silencio... cala-te, pelo amor de Deus...

JOSÉ.

Ninguem me espreita... sem duvida tremem todos ater-
 rados... oh! lençolsinho do meu coração, para quanto me
 tens servido!... tambem, justiça seja feita : só uma ca-
 beça de estudante conceberia a estranha idéa de vir na-
 morar a sua bella, vestido de camisola branca!... real-
 mente, nasci para grandes cousas! sim, está visto ; um
 rapaz que no curto espaço de dous dias é peregrino, fan-
 tasma, carcamano, e outra vez fantasma : o que não será
 ainda no resto da sua vida?... oh! amôr! amôr! tu és os
 peccados dos rapazes!... fazes de nós teu gato e sapato, e
 de nossos corações a tua carrapeta!... mas não percamos
 tempo... chamemos a bella Mariquinhas.

Meu canto é como um véo,
Em que terno e medroso,
De um vulgo curioso,
Se esconde um puro amôr.

Patrona dos mysterios
A lua se revela;
Acorda, oh minha bella,
Que está velando amôr.

SCENA XXI

Os PRECEDENTES e MARIA, na janella.

MARIA.

Meu primo!...

JOSÉ.

Querida Mariquinhas!...

MARIA.

Ah! quantos excessos faz você por ver-me!... olhe..
eu tambem não lhe sou ingrata!...

FRANCISCO.

Antonico, olha o fantasma!... e esta? temos sido tolos
ou não?...

ANTONIO.

Eu estou de boca aberta, Chico!...

MARIA.

Primo, eu sinto não poder descer para lhe fallar...

JOSÉ.

Oh! d'ali mesmo, linda Mariquinhas: do alto d'essa janella você me parece bella, como a lua que eu admiro no céu!...

MARIA.

Ah! Juca!...

JOSÉ.

Embora nossas mãos não se possam tocar, embora seja de longe que eu a esteja vendo, o seu amor me chega á alma, como o perfume das flores passa além da muralha de um jardim.

MARIA.

Como é bello o que você me diz, primo!...

JOSÉ.

Debaixo d'esta janella, eu me sinto tão socegado, tão feliz, como se estivesse no paraíso!... as vistas brilhantes de seus olhos vão reflectir-se no meu coração como os raios da lua, quando cahem sobre a água limpida de um lago transparente!...

MARIA.

Ah! primo! primo! eu não sei fallar, como você, essas palavras de flores, mas o que tenho para lhe dizer sahe-me do amago do coração; escute.

JOSÉ.

Falle...

MARIA.

Eu lhe amo!...

JOSÉ.

Oh! é fallar como um anjo!...

ANTONIO.

Como estão adiantados!...

FRANCISCO.

Ollia a souisa como põe as manguilhas de fôra!...

JOSÉ.

Prima, eu tinha tantas cousas que lhe dizer!...

MARIA.

Agora é impossivel : minha mãe ainda não dorme.

JOSÉ.

Voltarei mais tarde, sim?...

MARIA.

Não; espere. Você tem medo de entrar aqui de dia?...

JOSÉ.

Medo?... se você me ordenar, minha bella Mariquinhas, eu sou capaz de vir fallar-lhe diante de minha tia, de meu tio, de meus primos, e de todo o mundo.

MARIA.

Pois bem : amanhã de manhã elles tem de ir fazer una pescaria : eu me fingirei indisposta .. inventarei una dôr de cabeça, por exemplo, e me deixarei ficar em casa; você esteja de espreita, e apenas elles sahirem, venha : eu não receio fallar-lhe a sós tenho provas de que é honrado.

JOSÉ.

Como não sel-o, prima do coração, se eu adoro a virtude em pessoa lhe adorando?...

ANTONIO.

Então, Chico! que me dizes a esta?...

FRANCISCO.

Digo que o fantasma vai cair na ratoeira; cala-te.

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, você ainda não me disse se tinha achado a carta que o carcamano lhe deixou embaixo da pedra.

MARIA.

A prova de que achei, é que lhe vim fallar como me pedia.

JOSÉ.

Obrigado!...

GALATÉA, dentro.

Mariquinhas!...

MARIA.

Eis minha mãe, vá-se; adeus, primo...

JOSÉ.

Adeus, até amanhã. (Parte.)

GALATÉA.

Mariquinhas! o que é isso?...

MARIA.

O fantasma, minha mãe!...

SCENA XXII

FRANCISCO e ANTONIO em scena; GALATÉA, MARIA, JULIA e CLARA, nas janellas da casa; TIBERIO, na porta; OS FEITORES nas janellas fronteiras, e JOSÉ subindo o morro.

TODOS, chegando a um tempo.

O fantasma!...

JOSÉ.

Fugi, miseros viventes,
Fugi, fugi de encontrar-me;
Que eu procuro um corpo humano,
Para em seu sangue banhar-me.

FRANCISCO e ANTONIO.

Lá vai o falso fantasma,
Que fez dar tanta carreira,
E que amanhã sem remedio
Cahirá na ratoeira.

MARIA.

Lá vai o bello fantasma,
Que a tantos causa terror,
E que em minha alma só deixa
Ternas saudades e amor.

GALATÉA, JULIA, CLARA, TIBERIO e FEITORES.

Lá vai o fantasma branco,
Sua mortalha arrastando,
Humanos, aves e fêras,
Com seu aspecto assombrando.

FIM DO SEGUNDO ACTO.

ACTO III

O theatro representa uma sala disposta, e mobiliada ao gosto antigo; ao fundo porta larga de um oratorio; no primeiro e segundo planos de cada lado, um quarto com porta e janella, tendo esta grade de páo ou balaustres; no terceiro plano da direita, porta que se abre para o interior; no da esquerda porta que se communica com o exterior; mesa pequena ao lado da porta do oratorio; tinteiro, etc.

SCENA PRIMEIRA

GALATÉA, JULIA, TIBERIO, FRANCISCO e ANTONIO.

GALATÉA.

Ainda não estou em mim!... quem diria que em paga do mais extremoso amor, aquella ingrata pensaria em pregar-me este mono! ?...

JULIA.

Não creia, minha madrinha, é impossível que...

GALATÉA.

Cale-se também d'ahi! todas vóces, moças d'este tempo, têm a cabeça cheia de vento; apenas vêm qualquer peralvilho cabelludo, de bigodinho, pêra, e barbas de mono, ficam logo pelo beicho, e esquecem pae, mãe e o mundo inteiro: antigamente nós nos apaixonavamos pelos homens de siso; as raparigas de hoje ficam doudas por qualquer macaco.

FRANCISCO.

Minha tia, não desespere; tudo se pôde ainda arranjar.

GALATÉA.

Dizes bem, sobrinho; eu posso arranjar tudo muito bem dando uma sova de vara n'aquella marolinha, que ainda está fedendo aos coeiros, e já me quer fazer destas.

ANTONIO.

Titia, nós jamais consentiremos que vossamercê toque a prinna de vara.

GALATÉA.

Jamais consentirão?!?! bravo! esta ainda é melhor!... pois quem ha de atrever-se a dar ordens em minha casa? quem não se achar a seu gosto aqui, ponha-se no olho da rua!

TIBERIO.

Acalme-se, mana; *prudencia est senescentis ætatis*, a prudencia é da idade dos sessenta: você já atirou com os sessenta lá para traz das costas, e está por tanto na regra dos Latinos.

GALATÉA.

Qual regra, nem meia regra; hei de fazer o que entendo, e tenho dito.

JULIA.

Mas eu não sei como é que se condemna uma pessoa sem ao menos ouvi-la : eu não digo por querer ofender a ninguém... porém ha no mundo tanto judeo... levantam-se tantos aleives á gente...

TIBERIO.

Alto lá, rapariga! o chico e o Antonio não mentem, nem brincando : posto que um se destine a negociante, e o outro a procurador de causas, ainda os não apanhei em mentira alguma.

GALATÉA.

Receber em minha ausencia uma visita! .. e então de quem?!... de um primo! que é a peor casta de parentes que ha : um primo é a tentação vestida de calças... e ainda mais, que qualidade de primo?! estudante!... para ser mais tentação ainda : o maldito é capaz de deitar-me fogo na casa!... nada, não me entra aqui.

ANTONIO.

Ao contrario, titia, a minha opinião é que finjamos acreditar nas dôres de cabeça da prima, e deixando-a só em casa, fazemos que vamos á pescaria, pômo-nos á espreita, e apenas o tratante chegar, corremos todos, e o apanhamos em flagrante.

TIBERIO.

Bravo!... que conselho!... bem mostras que estás para ser homem da chicana.

GALATÉA.

Rapaz, a tua opinião está me parecendo menos má... apanho o marreco dentro, e mando arrancar-lhe as pennas.

ANTONIO.

Elle vai commetter um crime contra a segurança do Estado... contra o pacto fundamental... vai dar uma punhalada no coração da lei sagrada... vai arrancar uma pedra da base do systema que nos rege, porque a constituição diz no artigo... não sei quanto, que o asylo do cidadão é inviolavel e sagrado.

GALATÉA.

Ai! se me vens com constituições, atiro tudo pelos ares... não quero que em minha casa se falle em semelhante judiaria... ouvio?!

TIBERIO.

Cala-te, Antonico; na casa da mana ha uma suspensão de garantias perpetua.

JULIA, consigo.

Tenho perdido a esperança de salvar D. Mariquinhas : se eu pudesse escapar d'aqui... (Vai-se afastando.)

GALATÉA.

Sio... oh! minha senhora, não se incommode, passe para ali.

JULIA.

Eu tambem não queria sahir... (Comsigo.) Ah! maldita velha!

GALATÉA.

Com que injustiça desattendi hontem ao mano Basilio!... Sim, elle tem razão : quem manda educar seus filhos, merece que lhe dêem com um pão, até fazer os ossos em poeira.

TIBERIO.

Estamos ainda em tempo de tudo arranjar : o mano Basilio deixou-se hontem ficar em casa do compadre Matheus, e consta-me que só se retira hoje de tarde : se a mana quizesse, podia escrever-lhe e...

GALATÉA.

Pois eu hei de pedir perdão áquelle maroto?!

TIBERIO.

Já você começa com asneiras! não se lembra que tambem elle veio dar-lhe uma satisfação? e além disso; não teremos em nossas mãos o estudantesinho?...

GALATÉA.

Bem... vá... quero um dia ceder : este genio de pomba rôla, que tenho, ainda me ha de perder! (Sentase e escreve.) Arrasto vinte arrobas em cada mão!

JULIA, comsigo.

Vejam só que genio áquelle de pombinha rôla!...

FRANCISCO, a Antonio.

A tia Galatéa está como uma polvora : se alguém lhe chegasse uma brasa á ponta do nariz, estourava.

GALATÉA, deitando tinta por areia.

Ora bem... eis aqui : ah!... maldita cabeça... borrei a carta... não escrevo mais, não quero... tenho dito!...

TIBERIO.

Piedosa mana!...

ANTONIO.

Compassiva titia!.

GALATÉA.

Vocês sabem que eu sou a ternura em pessoa, e' atacam-me pelo fraco; não me enternecem mais! (Escreve.)

JULIA.

Snr. capitão...

TIBERIO.

Sio... olhe que se põe a fallar, a mana é capaz de atirar-lhe com o tinteiro.

GALATÉA.

Emfim... está prompta a cartinha. Snra. minha afilhada, vá mandar um portador á casa do compadre Matheus com esta carta para meu irmão; e não me volte aqui sem ser chamada.

JULIA, comsigo e sahindo.

Ah! velha rabugenta!... todo o cuidado della está em afastar-me de D. Mariquinhas.

SCENA II

Os PRECEDENTES, menos JULIA.

GALATÉA.

As raparigas de agora
Fazem cousas de espantar;
Fedem ainda aos coeiros,
E já querem namorar.

TIBERIO.

O mundo está pervertido,
Está perdida a mocidade;
Os filhos já não respeitam
Paternal autoridade.

CÔRO.

O crime da pobre moça
É filho talvez de amor;
Illuiu-se... não tem culpa.
Só tem culpa o seductor.

GALATÉA.

Estou em braza
Co' a tal historia,
Vingar pretendo
A minha gloria :
A ingrata filha,
Para memoria,

Porei de amôres
Com a palmatoria.

Silencio... lá vem ella... olhem a hypocrita... de lençinho na cabeça... isto só a pão!

SCENA III

Os PRECEDENTES, e MARIA de lenço na cabeça.

TIBERIO.

Bem se diz que não ha gosto perfeito : coitada da minha sobrinha!...

MARIA.

Ai!... realmente acho-me bastante incommodada... de vez em quando dão-me umas picadas... Ai!...

ANTONIO, consigo.

Que sonsa! quando eu digo que ninguem se deve fiar em mocinhas, que andam de olhos no chão, e com pretensões de innocentes e simplorias, não querem acreditar!

MARIA.

Ai!... ai!...

GALATÉA.

Que é isso, Mariquinhas?

MARIA.

Não é nada, não, minha mãe; foi uma picada.

TIBERIO.

Olhem que diabinho feminino está aqui se criando!

GALATÉA.

Não estás melhor com a agoa de Colonia?

MARIA.

Qual, minha mãe, não ha remedio para isto; são tres ou quatro horas de martyrio, e depois passa sem mais nem mais : ai!... ai!...

FRANCISCO, comsigô.

Vejam só o que será do pobre homem que levar esta bisca para casa; se eu chegar a casar-me com ellá, tenha a senhora minha mulher as dôres que tiver, ha de ter paciencia, que eu não acredito.

MARIA.

Ai!... ai... parece uma lanceta...

GALATÉA.

Então visto isso não pódes ir á pescaria?...

MARIA.

Não, não, minha mãe; eu vou deitar-me, a ver se posso conciliar o somno; ai!... esta minha cabeça é os meus peccados!

GALATÉA.

Pobre de minha filhinha! vem cá... deixa ver o pulso... (Toma-lhe o pulso.) Mas olha, tu não tens febre! (Comsigo.) Ah! hypocrita!...

MARIA.

Quando tenho estas dôres de cabeça, é sêmpre assim.

TIBERIO.

Oh mana, talvez fosse melhor adiarmos a pescaria.

MARIA.

De modo nenhum; não consentirei que se privem desse prazer por minha causa; isto não vale nada... Ai!...

ANTONIO.

É verdade, minha tia; deixemos a pescaria para quando a prima estiver boa.

FRANCISCO.

Eu sou da mesma opinião: se a prima não for, eu não caio no rio.

MARIA.

Nada, não consinta, minha mãe; isto não é molestia de cuidado, e eu creio que ficaria muito peor, se me ficassem remorsos de privar-os de um prazer.

TIBERIO, comsigo.

Estas mulheres são de trimiliques!

GALATÉA.

Na verdade, que febre ella não tem... vamos ver-lhe a lingua. Minha pobre Mariquinhas, deita fóra a lingua.

MARIA, comsigo.

Isto agora de mostrar a lingua é que me está parecendo caçoada. Ai! ai! minha cabeça!

GALATÉA.

Deita a lingua, menina. (Maria mostra a lingua.)

TIBERIO, consigo.

Quem ha de dizer que aquella linguinha corta como uma navalha!

GALATÉA.

Má não está ella! não ha de que receiar; o pulso anda direito, e a lingua não está suja, logo é enxaqueca.

ANTONIO.

Minha tia, tirou-me vossa mercê a enxaqueca da boca.

GALATÉA.

Pois bem, Mariquinhas; iremos sem ti á pescaria. Vai-te deitar, manda fazer um chá de grelos de lorangeira, temperado com assucar mascavinho, com tres pingos de limão gallego, dous de laranja da terra, e um de aguardente nova, cõa tudo, muito bem coadinho n'um guardanapo velho, aperta o nariz, e toma o chá de uma vez, que dentro de uma hora estás sã como uma pera.

MARIA.

Sim, senhora, ai!... farei tudo quanto vossa mercê me ordena; ai, minha cabeça!...

TIBERIO, consigo.

Esta minha irmã tem por força a bossa da medicina muito desenvolvida!

MARIA.

Ai! ai!...

GALATÉA.

Vamos, que é tempo : havemos trazer hoje dous cestos de combacas. Vamos. (Apparecem os feitores e mais convidados com redes, peneira-, cesto-, anzóes, físgas, etc.)

TIBERIO.

Vamos!...

MARIA.

Ai!... ai!...

TIBERIO.

Sou valente, feliz pescador,
Que não teme nem chuva nem sol;
Verão todos quem sou lá no rio,
Ou de físga, ou de rede, ou de anzol.

CÔRO.

Pescadores, avante! marchemos,
Ninguem lembre o calor nem o frio;
O prazer, pescadores, nos chama;
Eia! avante! marchemos ao rio.

(Sahem todos menos Maria.)

SCENA IV

MARIA, só.

Ah! finalmente elles se foram... eis-me só; perdoa, oh minha mãe, se uma vez na vida desejei ver-te longe de mim! mas é porque um pobre coração de moça, amando

mesmo extremosamente sua mãe, ainda assim tem amor de sobra para dal-o ao mancebo que é dono de suas saudades, e dos pensamentos de sua alma. (Pausa.) Ora já se vio cousa como esta? estou com o coração a bater-me, como se me avisinhase de algum perigo, e todavia, o que se aproxima é a hora de ver a aquelle a quem amo. Meu primo Juca, meu querido primo!... ah! eu não sei mesmo o que hei de dizer, quando elle chegar : dizem que sou travessa, que sou engraçada, e que fallo muito : pois bem; ao pé de meu primo fico muda, acanhada, vergonhosa e não sei que mais; parece que é balda de toda a moça ficar tola junta d'aquelle a quem quer bem. (Ouve-se a voz de José.) Ah!...

JOSÉ, dentro.

Meu canto é como um véo
Em que terno e medroso,
Do vulgo curioso
Se esconde um puro amor.

Patrona dos mysterios
A lua se revela;
Acorda, oh minha bella,
Que está velando amor.

MARIA.

Oh!... É elle!...

JOSÉ, dentro.

Posso entrar, prima?...

MARIA.

Sim... entre.

SCENA VI

JOSÉ e MARIA.

JOSÉ.

Minha bella Mariquinhas!...

MARIA.

Primo Juca!...

JOSÉ.

Oh!... enfim eis-me junto de ti, prima da minha alma... como é doce, como é linda uma hora de amor mysterioso, passada onde quer que seja; porque onde quer que seja estando amor, está o paraíso!...

MARIA.

Sim; mas sómente quando o amor é puro, quando os amantes não têm de que corar, nem de que arrepen-der-se...

JOSÉ.

Como nós dous, não é assim?...

MARIA.

Como nós dous, primo, graças a Deus; porém é preciso confessar que eu tenho consciencia de haver commettido uma grande falta, recebendo-o aqui, na ausencia de minha mãe.

JOSÉ.

Mas então porque me não recebeu mesmo em sua presença?

MARIA.

Meu primo, você perdeu o juízo?...

JOSÉ.

Oh! minha querida Mariquinhas, é bem possível que eu esteja doudo de amor pelos seus olhos; mas quem lhe mandou tê-los tão grandes, tão negros, tão brilhantes, e tão travessos?... Oh! sim! é a minha sina! desde pequenino que fico com a cabeça a andar-me á roda, e o coração a dar-me pulos assim que vejo uma Mariquinhas de olhos pretos: este nome de Mariquinhas, querida prima, é já por si uma tentação; ajunte-lhe agora dous olhos negros, e diga ao mais pintado que não fique doudo com tres tentações deste genero; sim... eu o confesso!... perdi o juízo, e sou muito capaz de, mesmo á vista de minha tia, vir aqui, cahir a seus pés e exclamar com ardor e paixão: « Minha querida Mariquinhas, eu bebo os ares por você!!! » (Ajoelhando-se.)

MARIA.

Levante-se, meu primo, eu não lhe quero ver de joelhos. Vamos aproveitar esta hora, que o céu benignamente concedeo ao nosso amor, e vejamos o que devemos temer, e o que podemos esperar.

JOSÉ.

Prima do meu coração, cá para mim entendo que não devemos temer nada, e que podemos esperar tudo.

MARIA.

Porque?...

JOSÉ.

Porque nos amamos, não é assim?...

MARIA.

Oh! por certo é essa uma excellente razão para nossos corações; porém minha mãe diz que não quer saber de amores.

JOSÉ.

Prima, tanto bate a agoa na pedra até que amollece; deixe o caso por minha conta, que eu tantas voltas hei de dar, que minha tia acabará por morrer de amores por mim.

MARIA.

Você está sempre disposto a gracejar, e no entanto nós nos achamos em circumstancias bem tristes. Diga-me: em que cuida você agora?

JOSÉ.

Em amal-a cada vez mais, minha querida Mariquinhas.

MARIA.

Julgo que dispõe do seu tempo muito convenientemente; mas é preciso pensar tambem em outra cousa,

JOSÉ.

Em que?...

MARIA.

Em casar comigo.

JOSÉ.

Ah! minha prima, eu penso tanto nisso, que todas as noites acordo sonhando que já nos achamos casados.

MARIA.

Pois sim... nós nos amamos; nossos corações se enchem de ardentes desejos: mas no entretanto este bello amor ficará sómente em desejos, porque minha mãe está firme nos seus projectos, e quer obrigar-me a casar com um de meus primos.

JOSÉ.

Oh! porém certamente você resistirá.

MARIA.

Sim; e soffrerei por isso todo o peso da colera de minha mãe. Triste destino dás mulheres! quando amam são desgraçadas... as penas, as saudades, os martyrios, são para ellas; os homens têm sempre bastante animo para rir-se. (Chora.)

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, não diga semelhante cousa! para poupar cada uma de suas lagrimas, eu verteria todo o meu sangue, daria de bom grado o socego de minha vida. Não, não consentirei que você padeça por minha causa: eu lhe adoro! ninguem terá força para separar-nos... (Mudando de tom.) No entretanto esta minha tia... ora que asneira de meu pae brigar com uma senhora que é mãe de uma moça bouita!... Que me importa; saúde! quem quer vai, quem não quer manda... estou determinado.

MARIA.

Determinado á que, meu primo?...

JOSÉ.

Venho hoje mesmo fallar com minha tia : prevejo tudo quanto tem de succeder. Bato na porta : « Quem é?... » sou eu, minha tia : « Eu quem? .. » o seu sobrinho José. « Ponha-se fóra, só brejeiro, não me entra aqui... vá para casa de seu bello pae. » É asneira, minha tia, não posso mais viver longe da snra. . . e dizendo iste entro, e caio aos pés da snra D. Galatêa; ella grita, e eu lhe peço piedade; brada, descompõe-me, e eu digo, que ella tem toda razão; chama por meus primos para me lançarem fóra da casa, e eu os ponho longe de mim com tres ou quatro beliscões : minha tia fica furiosa, e eu sento-me muito a meu gosto : no auge do maior desespero, ella esbraveja, pega em um pão, dá-me um chuveiro de cacetadas, e eu, immovel, começo a assobiar a cachucha com tanto sangue frio, que ella sem poder suster-se desata a rir, como uma perdida, faz as pazes comigo, e dá-me sua bella filha para minha mulher .

MARIA.

Ah! meu primo, você ainda não conhece o genio de minha mãe : é teimosa como um paulista, e sabe ser tão extremosa no amor como no odio.

JOSÉ.

Mas quem metteu na cabeça de minha tia que ella devia aborrecer-me?... Está celebre! eu nunca lhe fiz mal

nenhum, e estou prompto a concordar com todas as suas opiniões.

MARIA.

Tudo será baldado! Oh!... eu já não tenho esperança nenhuma.

JOSÉ.

Minha querida Mariquinhas, resta-nos ainda um meio extremo, porém seguro... Sua mãe se oppõe á nossa ventura : pois façamo-nos felizes por nossas mãos.

MARIA.

Como?

JOSÉ.

Fujamos.

MARIA.

Fugir!!!

JOSÉ.

Sim : haverá no meio d'esses bosques uma arvore bastante frondosa, á cuja sombra nos abriguemos : venha conigo, adorada prima, correremos aos pés de um sacerdote, que nos unirá á face de Deus; e depois uma cabana humilde será para nós um palacio sumptuoso ; a terra se parecerá com o céu, e ao lado um do outro, gozaremos a felicidade suprema!

MARIA.

Fugir da casa paterna!... oh!... e os remorsos?... Que felicidade suprema é essa, meu primo, que tem por prin-

cipio um crime, e por base a desmoralisação e a vergonha?...

JOSÉ.

Não, não podem haver remorsos, onde existe amor : o fogo da paixão ha de abrasar eternamente nossos corações, e quando a melancolia vier perturbar a paz de sua alma, quando seus pensamentos se obscurecerem, eu me ajoelharei a seus pés, querida prima, e a serenidade e o prazer se irão dilatar em seu rosto, ouvindo-me dizer com o ardor do primeiro dia : minha linda Mariquinhas, eu lhe amo!...

MARIA.

Cale-se, cale-se, meu primo; que se em suas palavras não ha o sophisma do crime, é porque ellas são ditas no delirio da paixão : eu lhe amo extremosamente; mas não posso esquecer-me do que devo á virtude : mesmo porque lhe amo, eu quero ser pura e nobre, para sempre ser digna do seu amor.

JOSÉ.

Ah! Mariquinhas!

MARIA.

Pois então, eu havia de abandonar a casa paterna para segui-o contra a vontade de minha mãe?... e depois, meu primo, a vergonha que teria de acompanhar-me por toda a parte, a reprovação publica, o descredito de meu nome, a maldição emfim, não iriam cahir tambem sobre a cabeça do homem que eu amo tanto?... Oh! não!... não, meu primo; não é a deshonra o dote que eu pretendo le-

var a meu esposo : antes a desgraça, que a vergonha ;
antes a morte, que a miseria d'alma.

JOSÉ.

Perdão, perdão, minha querida Mariquinhas, você é
um anjo que arranca de minh'alma os máos pensamentos.

MARIA.

Sim... sim... esqueçamos isso : sejamos ambos desgraçados ; mas nunca indignos de nós mesmos. Oh ! não ! apesar de tudo, eu não deixarei, não abandonarei minha mãe tão cansada, tão curvada já sob o peso de seus annos. Minha mãe!... que me amou sempre tanto!... que me amamentou a seus peitos... que me ensinou a andar, segurando-me pelos bracinhos... que quando eu estava doente, velava toda noite de joelhos, entre o meu berço e uma imagem do Senhor, resando á Imagem por mim, e me olhando tão terna!... minha mãe, que já padecia por minha causa antes mesmo de dar-me á luz ! que depois gastou comigo tantos cuidados, tantos mimos, tantos afagos!... Minha mãe, que chora, quando adivinha uma lagrima em meus olhos ! que se sorri quando me vê rir!... que é feliz porque eu vivo ao pé della!... minha mãe... oh ! pois eu havia de abandonar minha mãe?!!

JOSÉ, cahindo-lhe aos pés.

Nunca!... nunca, meu anjo ! mas perdoa a tentação, que te queria perder!... não se pôde estar ao pé de ti, sem sentir-se no coração a virtude!... Ah!... perdoame!...

MARIA.

Meu querido primo, eu lhe amo!...

JOSÉ.

Oh! isso quer dizer que me perdôa!...

Bella virgem, terno enleio,
És um anjo do Senhor;
No teu casto e niveo seio
Ha um jardim de candura,
Um céu de angelico amor.
Até a celeste altura
Podem chegar votos teus :
Ora, ó virgem terna e pura,
Que has de ver nossa ternura
Abençoada por Deus.

MARIA.

Meu querido primo!...

JOSÉ.

Minha linda Mariquinhas!...

SCENA VI

MARIA, JOSÉ e JULIA apressada.

JULIA.

Infelizes!...

MARIA.

Ah!...

JOSÉ.

Que é isto?...

JULIA.

Estão perdidos!...

MARIA.

Meu Deus!...

JOSÉ.

Perdidos, como?...

JULIA.

Snra. D. Mariquinhas, minha madrinha, não sei porque meio sabia que se preparava este encontro, fingio ir á pescaria, e agora volta, e vem surprehendel-os...

MARIA.

Desgraçada!... oh!... o que ha de se fazer agora?

JOSÉ.

Parece que me não engano... sim, é ella mesma... é a interessante Juliasinha, que brincava o *tempo-será* comigo, quando eu era pequeno...

MARIA.

Meu primo... o que ha de ser de nós?...

JOSÉ.

Veremos.

JULIA.

Não ha tempo a perder... Snra. D. Mariquinhas, retire-se; snr... snr. Juca, fuja, se póde fazel-o ainda...

JOSÉ.

Quem?... eu?... na hora do perigo abandonar aquella que me ama com amor tão puro?... fugir, deixando-a em torturas?! (Mudando de tom.) D. Julia, então você ainda se lembra de mim?...

MARIA.

Oh! meu primo, que sangue frio é esse?...

JULIA.

Fuja!... fuja!... eu creio que elles vão chegar.

JOSÉ, sentando-se.

Eu estou muito a meu gosto.

MARIA.

Meu primo!...

JOSÉ.

D. Julia, quer saber uma cousa?... a snra. está agora muito mais bonita, do que quando jogava o *tempo-será* comigo!!!

MARIA.

Meu primo!... meu primo!...

JOSÉ.

Não ha de ser nada, querida prima : eu insisto agora no meu primeiro proposito : vou achar razão em tudo quanto minha tia disser e fizer.

JULIA.

Eil-os ahí!...

MARIA.

Ah!...

SCENA VII

MARIA, JOSÉ, JULIA, GALATÉA, CLARA, TIBERIO, FRANCISCO.
ANTONIO, e FEITORES

GALATÉA.

Infames!...

TIBERIO.

Estão pilhados!...

JOSÉ.

Sou um criado de minha tia!...

GALATÉA.

Este insolente!... dê-me um pão... eu estou suffocada... quero desabafar-me... um pão... um pão!...

TIBERIO.

Mana, não se deite a perder : sangue frio, e prudencia!... vamos ouvir o sugueitinho.

JOSÉ.

Querida tia, não se exaspere : as apparencias illudem, por isso devo parecer criminoso : julga talvez que a dôr de cabeça da minha prima, e a minha presença aqui, foram actos precedentemente meditados... Que engano!... pois só por isso nos condemnam? por ventura era absolutamente necessario que minha prima tivesse dôres de cabeça para que eu viesse a esta casa?... Oh! minha tia,

aquella dôr e esta vinda são as cousas mais naturaes do mundo: porque minha prima tem cabeça, e eu tenho pés. (Comsigo.) Não responde?... mão : mulher que não falla... rala. (A Tiberio.) Prezado tio, a sua intelligencia esclarecida, o seu character bellicoso e nobre... volta-me as costas!... estou arraujado. (A Francisco.) Primo Chico, a sympathia que sempre tivemos um pelo outro... vira de bordo?... boa viagem. (A Antonio.) Primo Antonico, o seu genio meigo e pacato é agora a unica esperanza... não quer ouvir-me?... divirta-se. Meus amigos, eu appello para vossas consciencias... todos me fogem?... então como é isto? sou acaso algum leproso para que assim receiem por-se em relação comigo?... Ah! então ninguem quer attender-me? todos me abandonam? .. pois eu corro a abrigar-me aos pés da innocencia. (Corre a Maria.)

GALATÉA.

Segurem n'esse atrevido!... (Querem segural-o.)

JOSÉ.

Obrigado, meus snrs., obrigadissimo!... (Recuando.) Mas aqui neste corpinho só minha tia tem o direito de pôr a mão.

MARIA.

Meu primo!...

GALATÉA.

Olhem aquella lambisgoia!... meu primo!... onde se viu uma moça bem educada querer pregar monos á sua mãe?... e então por causa de quem?... de um tratante!

JOSÉ.

Tratante!... sou... confesso que sou, concordo com minha tia.

TIBERIO.

Insolente!... andar fingindo-se fantasma para fazer dar carreiras aos mais corajosos guerreiros... não sei onde estou...

JOSÉ.

Oh! meu tio, não tenha dúvida, vossa mercê está na casa de minha tia.

FRANCISCO.

Atrevido!...

GALATÉA.

Nada de considerações com semelhantes brejeiros... cadêa com elles!...

JOSÉ.

Cadêa!... eis ahi uma terrivel especialidade, em que não posso concordar com minha tia.

MARIA.

Meu Deus!...

GALATÉA.

Cada um para seu quarto... fiquem prisioneiros e de frente um do outro... vamos, obriguem-n'o á entrar. Venha cá, minha modesta senhora, entre neste quartinho, (Leva Maria e fecha-a no quarto.)

MARIA.

Valha-me o céo!

ANTONIO, a José.

Vamos!

JOSÉ.

Sio!... ó snr. moço, ponha-se ao largo; quem manda aqui não é a sua pessoa. Minha tia, então vossa mercê deseja trancar-me naquelle quarto?...

GALATÉA.

Sem dúvida nenhuma, só patife!...

JOSÉ.

Concordo em tudo com minha tia : affastem-se! quero caminho franco, entendem?... aqui vou, minha tia. (Entra; fecham a porta.)

GALATÉA.

Já se viu maior descarado!...

ANTONIO.

É estudante e basta.

FRANCISCO.

Por quem se havia de apaixonar a prima!...

TIBERIO.

Está na regra : a mulher pega sempre no peor!

JOSÉ.

Meu tio, nesse caso é admiravel, que vossa mercê esteja viuvo ha tanto tempo.

GALATÉA.

Silencio, grandississimo maroto.

JOSÉ.

Minha tia tem toda razão, silencio!...

GALATÉA, a Maria.

Filha ingrata, pervertida,
Vás sentir o meu rigor :
Uma mãe jamais se trata
Com tão fêro desamor ;
Soffre a pena merecida,
Filha ingrata !

TIBERIO, a Maria.

Rapariga sem juizo,
Não te fies no estudante :
Desta gente é balda antiga
Ser no amor sempre inconstante :
Toma ao serio o meu aviso,
Rapariga.

FRANCISCO, a José.

'Stá fronteiro da janella
Da sua amante querida :
Deve ser bem lisongeiro
Passar assim toda a vida ;
Viva quem da sua bella
'Stá fronteiro !

ANTONIO, a José.

Meu Fantasma que em desmaio
Toda a gente aqui trazias !
Já de ti ninguem mais pasma
'Stás pagando as zombarias ;
Hoje és nosso papagaio,
Meu Fantasma.

MARIA e JOSÉ.

Nosso amor acrysolado
 Desdenha da sorte rude :
 Aviventa o seu ardor
 Sacra flamma da virtude ;
 É por Deos abençoado
 Nosso amor.

CÔRO.

Não deveis, oh mãe clemente,
 Dous amantes separar :
 São de Deos as ternas leis,
 Que mandam na terra amar ;
 Punir amor innocente
 Não deveis.

GALATÉA.

Muito bem... deixemos este indigno seductor e aquella ingrata ; vamos nós jantar com todo o socego da innocencia. Filha desleal e ousada, soffre as consequencias da horrivel falta que commetteste : e tu, moço atrevido, fica ahi meditando sobre o castigo que te espera !... (Vai-se.)

JOSÉ.

Não tem dúvida... meditando sôbre o castigo que me espera... concordo com minha tia.

FRANCISCO.

Adeus, fantasma!...

JOSÉ.

Viva, senhor!...

ANTONIO.

Carcamano do realejo, saúde...

JOSÉ.

Adeus-zinho.

TIBERIO.

Papagaio real, quem passa?... é o rei que vai á caça : toca, papagaio... to-ro... ro-to-ro-ro-ro-to... t'ro... to. (Vão-se todos pela porta da direita; Julia pela esquerda.)

JOSÉ.

Olhem meu tio como está gaiato!...

SCENA VIII

JOSÉ e MARIA, presos.

JOSÉ.

Sio... adeus, prima?!!

MARIA.

O' meu primo, não zombe assim do nosso estado : você mostra um sangue frio que espanta. parece que se diverte com a desgraça que nos opprime.

JOSÉ.

Desgraça?... pois será desgraça prenderem-nos de frente um do outro?... será desgraça deixarem-me gozar a luz de seus olhos, a harmonia de sua voz, e o encanto de seu rosto?... Oh! prima do meu coração, tomára eu ficar encarcerado assim toda a minha vida.

MARIA.

Mas emfim, sempre somos presos...

JOSÉ.

Presos estamos nós ha perto de um anno, minha querida Mariquinhas, presos nos laços de amor, que são os laços mais apertados d'este mundo. No entretanto não é possível, que tenhamos a felicidade de ficar aqui para sempre... Minha tia deve estar bem satisfeita do meu procedimento; concordei em tudo com ella... e por consequencia...

MARIA.

Por consequencia o que, primo?...

JOSÉ.

A fallar a verdade, não sei : minha tia tem uma logica dos meus peccados, e as consequencias que ella tira em seus raciocinios, provêm sempre de uns principios que ninguem entende.

MARIA.

Como você é feliz, meu primo! sempre está alegre, sempre a gracejar e a rir-se!

JOSÉ.

Sou um travêso inconsequente; mas não sou máo, prima : poucas cousas n'este mundo me alteram, e agora mesmo, porque a estou vendo, eu seria o mais ditoso dos homens, se a sua voz melancolica e doce me não tivesse despertado um remorso no coração!

MARIA.

Um remorso!...

JOSÉ.

Sim, minha prima, eu me estou lembrando de meu bom pae.

MARIA.

Tem razão, fez mal em deixal-o.

JOSÉ.

É verdade que prometti voltar dentro de poucos dias; mas quem sabe as noites que terá perdido por minha causa!... Ah! se eu agora pudesse abraçar meu pae, ainda que ao mesmo tempo elle me quebrasse uma vara nas costas... Meu pae! paciencia: apenas sahir desta gaiola, vou ajoelhar-me a seus pés, e pedir-lhe perdão.

MARIA.

Sim... sim... ará muito bem: a obediencia é a honra dos filhos.

SCENA IX

JOSÉ, MARIA e JULIA.

JULIA.

Muito boa tarde, meus snrs.!

MARIA:

Ah! Julia!...

JOSÉ.

Adeus, interessante Juliasinha, ainda não conversamos desde que de novo nos encontramos, depois de nove annos de longa ausencia : ha pouco o susto das snras. era tal...

JULIA.

E nem agora temos tempo para conversar... ora vamos, adivinhem o que eu vim fazer?... Que diz, snra. D. Mariquinhas?...

MARIA.

Eu não sei.

JULIA.

E o snr. ?...

JOSÉ.

D. Julia, se você quer que eu adivinhe segundo as inspirações do meu estomago, creio que vem dar comer aos papagaios.

JULIA.

Ao contrario, venho soltar-os.

MARIA.

Como?... pois tens as chaves?...

JULIA.

Não; mas arranjei uma gazua.

JOSÉ.

Menina, isso não lhe faz muita honra.

JULIA.

Não quero saber disso, ahi a tem... solte-se, eu não tenho força bastante. (Dá-lhe a gazua.)

JOSÉ.

Dá-me cá o ferrinho, D. Julia da minh'alma : veja como eu entendo destes negocios de fechadura... (Abre.) bem... cá por mim já estou na rua ; agora é a sua vez, minha bella Mariquinhas : vá feito... (Trabalha.) safa ! está dura !... traz ! viva a liberdade !... (Abre.)

MARIA.

Ah !... como é terrivel o estar preso !

JULIA.

Finalmente, que já se acham livres... agora só resta fugir.

JOSÉ.

Sim, fugamos.

MARIA.

Não : a nossa gloria está na pureza do nosso amor : sejamos puros até o fim : você, primo, é o unico que deve fugir.

JOSÉ.

Ah ! o caso é esse?... (Senta-se.) pois eu continuo a estar muito a meu gosto.

JULIA.

Apoiado !... fãz muito bem.

MARIA.

Meu Deus !... que devo fazer?... faltar ás leis do pudor?

nunca... expôr meu primo ao máo genio de minha mãe... receio muito... ah!

JOSÉ.

Que é isso?...

MARIA.

Venha, meu primo, meu querido primo, vamos...

JOSÉ.

Fugir?...

MARIA.

Sim! para onde se póde fugir sem corar... (Abre a porta do oratorio.) Ali está o altar da sagrada Virgem!... eis ali a sua imagem, symbolo de amor, de castidade e de innocencia; corramos, meu primo, a ajoelhar-nos a seus pés... Vamos orar... nós havemos de ser ditosos!...

JOSÉ.

Vamos!... vamos, adorada Mariquinhas!... (Entram no oratorio.)

SCENA X

JULIA, só; cerra as portas do oratorio e quartos.

O coração me está dizendo, que D. Mariquinhas fez o que devia. Que loucura a minha!... aconselhar uma amiga, que fugisse de sua mãe!... D. Mariquinhas tem razão : uma moça sómente póde fugir de sua mãe para

rezar no altar da Mãe de Deus. Foi uma lição que recebi.
(Pausa.) Em que acabará isto?... estou cheia de medo, e
ao mesmo tempo de esperança. Ah!. parece-me que
sinto passos... quem será?...

SCENA XI

JULIA e BASILIO, com um *Jornal do Commercio* na mão.

BASILIO.

Não ha nada n'este mundo como ser assignante do
Jornal do Commercio!...

JULIA.

Snr. Basilio!...

BASILIO.

D. Julia! dê-me um abraço!... estou cheio até os
olhos!... Diga-me, a snra. é assignante do *Jornal do Com-*
mercio?...

JULIA.

Não, snr.

BASILIO.

Pois então não sabe o que é bom. Tambem eu não o
era; pois se eu confesso mil vezes por dia, que sou um
pedaço d'asno!... amanhã despacho um proprio para ci-
dade... vou mandar assignar esta folha abençoada.

JULIA.

Mas o que quer dizer tudo isso?...

BASILIO.

Aquelle compadre Matheus é um homem ás direitas!... se eu sahir eleitor na minha freguezia, hei de votar n'elle para deputado!... Um homem que me empresta um papel d'estes!... Vou mandar pôr este jornal n'um quadro...

JULIA.

Ainda não me dice qual a boa noticia que lhe dá esse jornal.

BASILIO.

Oh!... escute!... veja como é bello ser pae de um rapaz de cabeça, que dá gloria á gente!... bemaventurada seja a hora em que o mandei estudar!... o meu Juca!... o meu Juquinha!... é meio extravagante... mas tudo isso é do talento que elle tem... fugio-me ha dias de casa; porém, ha de voltar, e eu hei de dar-lhe sete abraços seguidos... está dito!... viva o meu Juca!... viva!...

JULIA.

Viva! mas venha a noticia.

BASILIO.

Ouçã. (Lê.) « Um novo talento acaba de se demonstrar cheio de esperanza e de futuro : um joven estudante do quinto anno de medicina, o snr. José Basilio Sarmento, mimoseou o publico com um volume de escolhidas poesias de sua composição; tudo nas bellas paginas d'esse livro é brilhantissimo de imaginação, fogo de engenho, e pincel de mestre : um grande poeta se prepara n'esse

mancebo... parabens á nossa patria!... feliz o pae de tal filho. » (Feixando o jornal.) Viva o meu Juca!... viva!!! viva!!! viva!!! (Aos pulos com o jornal na mão.)

JULIA.

Tem toda razão, snr. Basílio!... o snr. Juca é digno dos maiores elogios.

BASILIO.

Quando eu digo que sou um pedaço d'asno!!... o rapaz mandou-me uns poucos dos taes livros, e eu nem para elles olhava!! oh!... como estou agora com o coração a dar pulos, que nem um volantim!... a mana Galatêa falla sempre a verdade : quem não manda educar seus filhos, é um pastrana!.. Snra. Julia, vá chamar a mana Galatêa...

JULIA.

Mas veja que agora...

BASILIO.

Aqui não ha veja, nem meio veja : a mana escreveu-me, e mandou-me pedir que viesse fallar-lhe; vá dizer que já cheguei.

JULIA.

Porém, eu devo prevenil-o...

BASILIO.

Péor! estou doudo por ver a mana Galatêa!... ande! empurrando-a) marche!... vá dizer-lhe que estou aqui.

JULIA.

Temos nova desordem entre os dous irmãos!... (Vai-se.)

SCENA XI

BASILIO, só.

Quem havia de pensar, que o meu Juca, que quando era pequeno corria lá pelo campo da fazendá, e pulava como um potro, acabaria por ter cabeça de sabio! Oh! extraordinaria força da natureza!... o meu Juca! o filho d'este seu criado, que andou dez annos na escola, e que ainda hoje não lê sem soletrar, sahir o avesso de seu pae!... oh!... bem dizia a minha defunta, que o Juca tinha cara de licenciado!... Aquillo é um rapaz de truz! não tem dúvida... é capaz de ler n'um livro fechado!... tomára que se lhe acabasse a veneta do passeio, e voltasse para casa!... agora estou desarmado... não posso mais castigal-o... havia de ser bonito ir eu sem mais castigar um novo talento cheio de esperanças e de futuro!...

Com esta folha de papel
Vou viver sempre abraçado;
Meu Jornal abençoado,
Que tão boas novas traz.
Oh que sabio é o meu Juca!...
Que cabeça de rapaz!

Uns como eu nascem p'ra' tolos,
Outros p'ra estudo profundo;
Quando a gente vem ao mundo

Sua sina logo traz.
Oh que sabio é o meu Juca!...
Que cabeça de rapaz!

SCENA XIII

Todos, menos MARIA e JOSÉ.

GALATÉA.

Snr. Basilio... meu irmão... mandei-o chamar porque estou desesperada para lhe dizer uma cousa...

BASILIO.

E eu deitei o baio a todo galope, porque estouro se lhe não dou uma satisfação.

TIBERIO.

Péor vai ella!... então quem falla primeiro?...

GALATÉA.

Eu.

BASILIO.

Eu.

GALATÉA.

Ai! o snr. está sempre disposto a me contrariar...

BASILIO.

A snra. é que me anda sempre de candeias ás avessas!...

TIBERIO.

Nada de rugas... vamos decidir isto pacificamente :
determine a sorte quem deve fallar primeiro.

GALATÉA.

Pois vá á sorte, já que este serrasina...

BASILIO.

Snra., não se engrile comigo ; olhe que eu... (Comsigo.)
Já se viu uma velhinha mais levada do não sei que
diga?...

TIBERIO.

Eis aqui as minhas duas mãos fechadas; dentro de uma
d'ellas está uma bolinha de papel : aquelle que bater na
mão da bolinha é o que falla em primeiro lugar. Bata lá,
mano Basilio.

BASILIO.

Si eu adivinhasse qual era a mão da bolinha!... ora
vá... saia o que sahir. (Date na mão direita.)

TIBERIO.

Perdeu!...

BASILIO.

Diabo! .. não me lembrei de que o mano Tiberio é ca-
nhoto.

TIBERIO.

Falle a mana Galatéa.

GALATÉA.

Snr. Basilio, posto que o snr. tenha um genio de tem-

pestade, mandei-o chamar para confessar-lhe, que na nossa ultima briga era o snr. quem tinha toda razão...

BASILIO.

Não ha tal!... hontem eu estava bebado : a snra. sim, é que disse a verdade nua e crua!

GALATÉA.

É possível que o snr. nascesse para andar sempre a contrariar-me?...

BASILIO.

A snra. é que vive a sonhar com as minhas opiniões para se oppôr a ellas!...

TIBERIO.

Entendam lá estes dous grasinas!...

GALATÉA.

Quem manda educar seus filhos, é um cabeça ôca, um estúpido, tenho dito!...

BASILIO.

É falso!... quem os quer para empadas é que os tem guardados em casa, ouviu!...

FRANCISCO.

E esta?... quem esperava por isto?...

GALATÉA.

O snr. é um homem sem palavra...

BASILIO.

E a snra. é uma mulher que tem duzentas palavras differentes!...

ANTONIO.

Meus tios perderam o juízo!...

GALATÉA.

Por isso o filho sahio o que sahio : é tão boa joia como o pae.

BASILIO.

Sio!... ó snra. lingua de jararaca, quando fallar no meu poeta, limpe os beiços!...

GALATÉA.

Oh! grandississimo marôto!...

BASILIO.

Eu não faço caso do que você diz : aqui está quem falla a verdade... aqui está em letra redonda... « É um novo talento cheio de esperanças e de futuro!... »

FRANCISCO.

O que é aquillo?... meu tio endoudecêu certamente!...

GALATÉA.

Estou já que não me posso suster... se me não vingo, estouro!...

BASILIO.

Falla para ali, velhinha resingueira, falla, boca de matraca!... e tu, Antonico, vem cá : dizem-me que estás fazendo tenção de entrar na chicana; lê isto pois, e vê-a gloria de teu primo!

ANTONIO, depois de ler.

Ah! ah! ah! poeta!!! talento cheio de esperanças e de

futuro, um rapaz que ainda hontem brincava com nosco em fraldinhas de camisa!...

BASILIO.

Snr. chicanista de meia cara, tenho conhecido que você é um bobo.

GALATÉA.

Que havemos de estar soffrendo tudo quanto nos quer dizer este maluco!... mas eu vou tirar minha desforra.

BASILIO.

Não hei de tolerar que insultem impunemente o meu Juca.

GALATÉA.

O seu Juca é uma peça muito ordinaria; saiba que o tenho em meu poder, e preso debaixo de chave como qualquer ladrão de gallinhas.

BASILIO.

Não me deite a perder, snra.!... ladrão de gallinhas!... dobre a lingua, ouviu?!...

GALATÉA.

Quero mostrar-lhe ao inenos a carinha sem vergonha que elle tem. (Chega-se á janella.) Oh! snr. Juca!... oh! oh! lá!...

ANTONIO.

Snr. talento novo, appareça!...

TIBERIO.

Côitado do rapaz... está se vendo em calças pardas!...

BASILIO.

Será possível, que o meu Juca se deixasse cair n'este covil?!...

GALATÉA.

Então não apparece?...

TIBERIO.

Mana, o melhor é soltar os dous pequenos.

GALATÉA.

Sim : venham á minha presença : quero que o rosto do seductor de minha filha envergonhe a este velho desmiolado que não sabe dar educação a seus filhos. O Chico soltará a criminosa, e o Antonico o tal estudantinho das duzias. (Dá as chaves.)

BASILIO.

Eu já me não posso conter...

FRANCISCO.

A porta d'este quarto está aberta... (Entrando no quarto.)

ANTONIO.

E a d'este tambem... (O mesmo.)

GALATÉA.

As portas abertas!...

FRANCISCO, apparecendo na grade.

A prima foi-se...

ANTONIO, o mesmo.

O estudante mudou de domicilio...

TIBERIO.

Fizeram vispora!...

TODOS.

Fugiram!!!...

GALATÉA.

Minha filha!!... (correndo ao quarto.)

BASILIO.

Meu filho!!... (O mesmo.)

TIBERIO.

Peguem-lhe agora com um trapo quente!...

GALATÉA.

Minha filha!... minha filha!... perdida!... perdida para sempre... eis manchada a sua fama!...

ANTONIO.

Aquella carinha de beata não enganava a ninguém...

BASILIO.

Cala a boca, tratante; olha que se dizes mais uma palavra contra minha sobrinha, eu assento-te uma bolacha!...

GALATÉA.

Tem razão, meu mano: foi esta gente que me fez perder minha filha, com insanos conselhos!... marôtos!!!...

TIBERIO.

Bravo!... esta agora é melhor!

GALATÉA.

Nenhum d'estes dous machacazes era digno d'ella, e eu

a queria obrigar a casar com um d'elles. Foi um castigo!... minha filha!!! minha filha!!! oh! mas vel-a assim desacreditada...

BASILIO.

E meu filho... o meu Juca?...

TIBERIO.

Fugio com a pequena...

BASILIO.

Oh! oh! oh! oh! olhem o diabo do poeta, o que foi fazer!!...

GALATÉA.

Minha fillra!... minha filha!...

JOSÉ e MARIA, dentro.

Aos pés da Mãe de Deos
Oramos com fervor
P'ra que faça ditoso
O nosso terno amor.

GALATÉA, correndo ao oratorio.

É a voz de Mariquinhas!...

BASILIO, o mesmo.

É o meu poeta que canta!...

GALATÉA, abrindo a porta.

Oh!... eil-os!...

BASILIO.

De joelhos!... como está bonito aquelle parzinho!!!

JOSÉ e MARIA.

Ninguém contra nós tente
De ferro leis impôr,
A Mãe de Deos protege
O nosso terno amor.

GALATÉA.

Minha filha!... Mariquinhas!... (Correndo a Maria.)

BASILIO.

Meu poeta!... (O mesmo.)

TIBERIO.

Olhem que dous patetas!...

SCENA XIV

(José e Maria vêm com todos á frente da scena, e ajoelham-se aos pés do
Basilio e Galatéa.)

Os PRECEDENTES, JOSÉ e MARIA.

JOSÉ.

Caro pae, tende piedade
D'este amor, d'esta ternura;
Abençoi nossos laços,
Fazei a nossa ventura.

MARIA.

Terna mãe, tende piedade
D'este amor, d'esta ternura;
Abençoi nossos laços,
Fazei a nossa ventura.

BASILIO.

Mana Galatêa?

GALATÊA.

O que é, meu irmão Basilio?...

BASILIO.

Eu tenho um nó aqui na garganta...

GALATÊA.

Estou quasi desatando a chorar... eu sou tão terna!...

BASILIO.

Vamos fazer a felicidade d'estas duas crianças?...

GALATÊA.

Eu já me não posso suster!... (Chora.)

FRANCISCO.

Peço a palavra!

ANTONIO.

Pela ordem!...

BASILIO.

Mana, corte a discussão...

GALATÊA.

Vocês não têm nada com minha filha, ouviram!

FRANCISCO.

Pois eu...

ANTONIO.

Então, minha tia...

TIBERIO.

Silencio, rapazes!... eu vos arranjarei as filhas de algum guerreiro.

GALATÉA.

Minha filha! sê feliz, como foste pura!...

BASILIO.

Meu poeta, faze um soneto ao teu casamento.

JOSÉ e MARIA.

Já na pyra do hymeneu
Arde o fogo abrazador;
No horizonte da ventura
Amanhece o nosso amor.

CÔRO GERAL.

Corôe o terno hymeneu
Esse affecto abrazador;
Os sorrisos da ventura
Felicitem vosso amor.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO ACTO



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).